

POLICAMPUS



A NOVA UNIVERSIDADE EM 6 ATOS

1.

4 7
UNIVERSIDADE 7

2.

4 7
UNIVERSIDADE 7

3.

4 7 7
UNIVERSIDADE 7

4.

4 7 7
UNIVERSIDADE

5.

4 7 7
UNIVERSIDADE

6.

4 7 7

maio - junho 1971

poli campus

ORGÃO DE DIVULGAÇÃO OFICIAL DO GRÊMIO POLITÉCNICO - USP

EQUIPE:

Conrado
Fernando
Hermes
Marcelo
Wanderley
Zé Roberto

Desenhistas:

Guido
Horácio

COLABORADORES:

Ana
Marquito
Plinio
Roberto (Froes)
Bala
Branco
Birigui

Tiragem comprovada: - 3.000 exemplares

MAIO/JUNHO - 1971

quem cala

consente

QUEM CALA:

- é mudo
- realmente não tem o que falar
- não pode na verdade, se manifestar

QUEM CONSENTE:

- realmente aceita
- não tem como contrapor e é obrigado a acatar

QUEM CALA CONSENTE

Na nossa realidade atual, o sentir nada mais é que acatar uma consequência das poucas condições de se discutir amplamente nossos problemas.

Isso fica evidenciado com a RE-forma Universitária, tão debatida nos idos de 1968, implantada nos mesmos moldes anteriores, sem maiores comentários. Todos aceitam? Todos negam? Baseados em que?

UMA ÉPOCA

em que existe lei repressiva como a 477, gerando um clima de intranquilidade, influenciando fundamentalmente nas atitudes dos estudantes.

DOIS FATOS

USP-70

Falou-se muito, oficial e extra oficialmente no ensino que deixaria de ser gratuito, desde a terceira série do curso ginasial. Polêmica. Contudo não houve maiores e consequentes manifestações.

PUC-71

As anuidades foram aumentadas, indevida e indiscriminadamente, aumentos da ordem de 4%. Na Faculdade de Medicina, nos primeiros anos do curso, o acréscimo chegou a 100%. Houve um descontentamento geral, uma vez que o Conselho Federal de Educa-

ção (C.F.E.) havia estipulado o aumento em 20%.

O QUE FAZER

Em algumas escolas, como por exemplo a FEI, não existe sequer Centro Acadêmico. Os alunos sem ter em que se apoiar, sentiam-se inicialmente perdidos, afetados ainda pelas medidas repressivas dos anos anteriores.

No entanto, como a contradição era geral, alastrou-se em toda a Universidade discussões sobre o problema, culminando, apesar dos riscos que se corria, com um boicote geral ao pagamento das mensalidades, até que fosse solucionada a questão. Salienta-se que 90% dos alunos cumpriram a ameaça.

Dois meses se passaram, nesse período houve contatos permanentes de uma comissão representativa dos 15.000 alunos da PUC com os membros do C.F.E. e com a diretoria da escola. O movimento ganhou corpo e culminou com a vitória dos alunos, ou seja, o aumento ficou nos 20% anteriormente tabelado. (*)

UMA REALIDADE

USP-70 — PUC-71

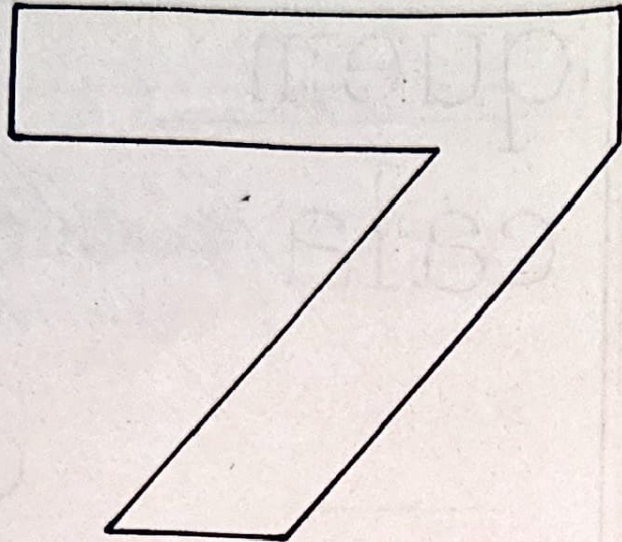
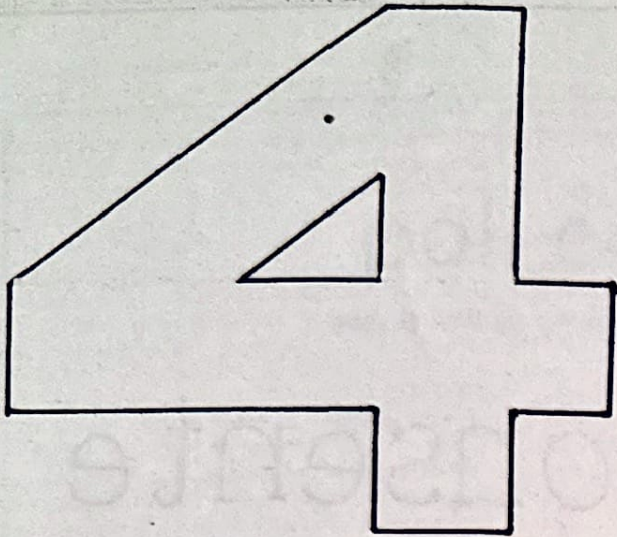
Muito embora numa mesma época, no mesmo meio, reações distintas. Distingue-se fundamentalmente é que na PUC além de uma contradição concreta e objetiva, houve uma homogeneidade de pensamento e encaminhamento adequado da reivindicação.

Em suma:

QUEM CALA CONSENTE

AMÉM

(*) Obs.: Quando estávamos encerrando esta edição, confirma-se que o Conselho Federal de Educação autoriza um aumento de 25% nas anuidades para os alunos da PUC do 2º ano em diante, 30% para os alunos do 1º ano e 35% para os alunos da Escola de Medicina de Sorocaba (PUC). O que ainda está causando insatisfação entre os colegas da PUC.



Em princípios deste ano o estudante Ari Abreu Lima da Rosa estava prêso num quartel da Aeronáutica no Rio Grande do Sul. Estava prêso por ter distribuído panfletos considerados ilegais.

De repente, assim como uma bomba, vem a notícia: Ari Abreu Lima da Rosa foi encontrado morto na prisão.

O fato poderia causar os maiores escândalos, mas foi prontamente explicado: é que a noiva havia dito que ia deixá-lo e ele, não aguentando o sofrimento, se suicidou.

Esta justificativa, foi divulgada pelos jornais e pelo próprio ministro Passarinho mas, apesar disso, as autoridades instauraram um inquérito policial para averiguar os acontecimentos.

Nessa ocasião o Diretório Central dos Estudantes do Rio Grande do Sul, divulgou nota convidando todos os universitários gaúchos para a missa de 30º dia da morte de seu colega.

Isto era o mínimo que se poderia esperar de um órgão de representação estudantil. Porém o convite foi taxado de subversivo. Policiais procuraram obter com o presidente do DCE a ata da reunião em que foi redigida a nota para obter os nomes dos estudantes que a elaboraram.

Foi feita intimação, para os ditos estudantes deporem. Foram julgados quatro dos membros do DCE, foram expulsos da Universidade pelo prazo de três anos, baseado no Decreto lei 477, de 26/02/69. Ele foi criado com base no Ato Institucional nº 5, que determina que os atos praticados segundo o seu texto, estão isentos de apreciação judicial de qualquer natureza, quanto à sua eficácia ou validade. Ou seja, ele está acima da própria Constituição. E tal arbitrariedade trouxe como uma de suas consequências o Decreto-lei 477.

Ele começa discriminando as infrações disciplinares:

"Artigo 1º - Comete infração disciplinar o professor, aluno, funcionário ou empregado de estabelecimento de ensino público ou particular que:

"1- Alicie ou incite a deflagração de movimentos que tenha por finalidade a paralização de atividade escolar ou participe desse movimento;"

"2- Atente contra pessoa ou bens, tanto em prédios ou instalações, de qualquer natureza, dentro de estabelecimentos de ensino ou fora deles"

"3- Pratique atos destinados à organização de movimentos subversivos, passeatas, desfiles ou comícios não autorizados, ou deles participe;"

"4- Conduza ou realize, confeccione, imprima, tenha em depósito, ou distribua material subversivo de qualquer natureza;"

"5- Sequestre ou mantenha em cárcere privado, diretor, membro de corpo docente, funcionário ou empregado de estabelecimento de ensino, agente de autoridade ou aluno;"

"6- Use dependência ou recinto escolar, para fins de subversão ou para praticar ato contrário à moral ou à ordem pública"

O artigo 1º especifica as infrações disciplinares. Mas, ao invés de defini-las claramente, gira em torno de conceitos como "subversão" e "subversivo" apenas sujeitos a interpretações subjetivas. Isto possibilita os maiores disparates, englobando desde as mais sérias contravenções aos mais ridículos e insignificantes gestos. É o que fica evidenciado pelas palavras do próprio ministro Jarbas Passarinho:

"O terrorista que dinamita e sequestra e o estudante de Ciências Sociais que é apanhado com um livro de um pensador socialista debaixo do braço, estão ambos enquadrados no 477, o que é evidentemente um absurdo"

"§1º - As infrações definidas neste artigo serão punidas:

1º - Se se tratar de membro do corpo docente, funcionário ou empregado de estabelecimento de ensino, com pena de demissão ou dispensa, e a proibição de ser no meado, admitido ou contratado por outro qualquer da mesma natureza, pelo prazo de cinco (5) anos;

2º - Se se tratar de aluno, com pena de desligamento e a proibição de se matricular em qualquer outro estabelecimento de ensino, pelo prazo de três (3) anos;"

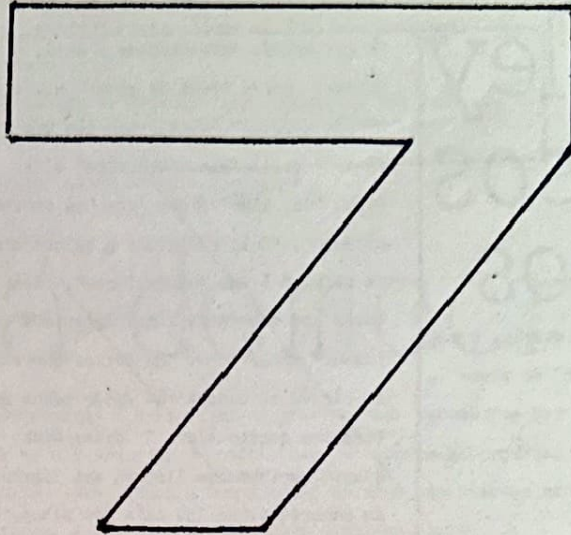
As penas foram mais rigorosas com os mestres, pois a expulsão por 5 anos da Universidade ou Colégio, priva o professor de exercer o trabalho que é seu meio de sustentação econômica.

Sob tamanha repressão, os mestres, principalmente na área de Ciências Humanas, se vêem tolhidos em sua liberdade, pois qualquer opinião emitida pode ser interpretada como subversiva.

O professor entra em aula com receio de ser punido, fechando a porta dos debates e discussões, truncando inclusive soluções que poderiam conduzir a um desenvolvimento nacional em ritmo mais acelerado. É a violência intelectual.

"Artigo 2º - A apuração das infrações a que se refere esse decreto-lei far-se-á mediante processo sumário, a ser concluído no prazo improrrogável de 20 dias"

"Artigo 3º - O processo sumário será realizado



por um funcionário ou empregado do estabelecimento de ensino, designado por seu dirigente que procederá às diligências convenientes e citará o infrator para no prazo de 48 horas apresentar defesa. Se houver mais de um infrator o prazo será comum e de 96 horas.

"§1º - O indiciado será suspenso, até o julgamento, de seu cargo, função ou emprego, ou, se for estudante, proibido de frequentar as aulas, se o requerer o encarregado do processo."

Sendo o processo sumário, tudo é realizado com tempo determinado, contudo o tempo é exíguo, não permitindo um bom trabalho do ponto de vista jurídico. É um outro absurdo: Pelo Decreto-lei 477 pode-se punir o indiciado com uma suspensão antes de ser provada qualquer coisa, numa flagrante violação à Declaração Universal dos Direitos Humanos.

"§3º - Apresentada a defesa o encarregado do processo elaborará relatório dentro de 48 horas, especificando a infração cometida, o autor e as razões de seu convencimento."

Aqui outra aberração. Depois de feita a defesa o encarregado do processo volta a acusar sem que o indiciado possa apresentar nova defesa. É a violência jurídica.

Como vemos, este decreto é uma arma poderosa para quem o possui; e se cai em poder de pessoas inescrupulosas é tão perigoso como artefatos nucleares nas mãos de facínoras. Divaga em torno dos conceitos de "subversão" que dependem de quem os analisa e que não são rígidos: só se entende "subversão" em relação a uma determinada situação de poder político, e o que pode ser "subversivo" numa certa época, poderá não o ser em outra.

A interpretação impiedosa e mal-intencionada

OS DEZ MANDAMENTOS DO 477

Para que você, desprevenido politécnico, não caia nas redes, digo, artigos do decreto-lei 477, aqui vão as dez dicas quentes de como evitá-lo (porque, uma vez que você seja simplesmente "suspeito", ZÁS!):

- 1 - Não incite ou alioie seu colega a paralisar suas "atividades escolares", para tomar um café após a lista;
- 2 - Não atente contra as carteiras, portas de banheiro, computadores e "outros bens" de sua escola, rabiscando-as com fórmulas ou outras expressões obscenas;
- 3 - Não atente contra as meninas da Bio, Psico, História "et alter", causando-lhes danos transitórios ou permanentes, de natureza física ou "psicológica adversa";
- 4 - Evite a participação, passiva ou ativa, em longos desfiles, filas ou passeatas na porta de restaurantes, em hora de almoço;
- 5 - Evite ler, imprimir ou mesmo ter em depósito, qualquer exemplar de publicações de alto teor subversivo, tais como "O Estado de São Paulo", "O Globo", "A Panela de Cálculo I", "O Poli-Campus" ou quaisquer outros impressões.

de suas linhas pode conduzir a barbaridades e violências incalculáveis. Tanto ótimas idéias, quanto os maiores absurdos são cortados indistintamente.

As injustiças que podem ser cometidas "em nome da lei" são flagrantes. Citemos por exemplo um caso ocorrido em Belo Horizonte:

"Por agressão à um colega, José Augusto de Oliveira, aluno do último ano da Faculdade de Direito da Universidade de Juiz de Fora, foi expulso da escola, após ter sido enquadrado no Decreto-lei 477.

Segundo processo instaurado pela direção da Faculdade a agressão ocorreu no dia 28 de março, quando o estudante Flávio Pinheiro de Paulo, aluno do 1º período do Instituto de Ciências Humanas e Letras, opção Direito, procurou o Diretor Acadêmico para adquirir o plástico com o emblema do seu curso. Por ser calouro, foi alvo de brincadeiras dos colegas mais antigos, que estavam preparando o trote. Flávio tentou arrancar das mãos de José Augusto uma folha de papel datilografado, no qual estavam os planos do trote, recebendo um murro que lhe causou um hematoma no olho direito.

Após tomar conhecimento da agressão, a direção da escola decidiu abrir inquérito, tendo ouvido os dois estudantes implicados e sete testemunhas e providenciado o auto do corpo de delito, preparado pelo médico-legista do Departamento de Medicina Legal do Estado.

Após estudar o processo, o professor Almir de Oliveira decidiu aplicar as sanções previstas no Decreto-lei 477, considerando que o estudante José Augusto de Oliveira esmurrou seu companheiro, o que foi entendido como "uma infração disciplinar gravíssima".

Na sua defesa, José Augusto procurou mostrar que o Decreto-Lei 477 somente se aplicaria a casos de subversão, mas foi rebatido pelo diretor da Faculdade, que esclareceu as sanções previstas na legislação com relação à atos de Indisciplina."

(Jornal do Brasil 25/4/71)

A aplicação do decreto-lei 477 neste caso do "murro" foi um exagero. O próprio regulamento da escola deve ter condições de punir o estudante que se envolve em "briguinhas" ou outras infrações.

O decreto-lei 477 é mais uma barreira que se levanta contra a participação universitária na vida do país, pois o peso de uma repressão injusta influi sobre a tranquilidade intelectual, enterrando o progresso político-social, tecnológico-econômico.

Para que este perigo não se concretize convém cortarmos o mal pela raiz.

Que o excelentíssimo senhor ministro Jarbas Passarinho não fique apenas nas palavras de que o Decreto-lei 477 é "uma lei de Newton depravada" ou "que é evidentemente um absurdo", mas que determine a extinção de uma vez por todas do 477.

6 - Evite, se tiver carro, dar carona, ou mesmo sequestrar, qualquer mestre, colega, funcionário (a), ou "agentes de autoridade" (???) menos afortunados, ainda que estes, inocentemente, assim o desejem;

7 - Evite utilizar o recinto escolar nos sábados à noite, mesmo em falta de outras dependências, para praticar reuniões, principalmente mistas, de teor subversivo-tóxico-moral, ou qualquer outros atos que visem abalar a ordem social e demográfica da nação.

8 - Não participe, mesmo "in extremis", de amplas reuniões ou debates, que visem o esclarecimento de idéias, a discussão de solução de problemas, principalmente quando realizados às vésperas de provas, com o excuso objetivo de obtenção de boas notas.

9 -

10 -

(Obs.: o 9º e 10º foram censurados pelo 477. Menos mal)

Manson e Calley dois processos políticos

CHARLES MANSON: Culpado de "bárbaros assassinios" contra inúmeras pessoas, guiado pela "senha diabólica" da filosofia hippie.

WILLIAM CALLEY: Responsável por atrocidades cometidas no Vietnã, onde foram dizimadas muitas vítimas inocentes.

Não se trata aqui de discutir a culpabilidade dos acusados. A questão é a seguinte: Por que tanta novidade acerca desses nomes?

A intenção é clara: condenando - se Manson, condena-se o fenômeno hippie em geral, dando a impressão que seus adeptos não passam de bandidos comuns, e com isso procuram esconder o fato principal: são produtos da própria sociedade que os tribunais que os julgaram, defendem: jovens que não encontram perspectivas dentro dessa sociedade, mas, também, não propondo uma alternativa, simplesmente colocam-se à margem dela: são um sintoma da sua inevitável decadência. E ainda há o medo, pois que cada vez um número maior deles está passando para uma fase de franca contestação da estrutura política e econômica do país. Portanto, seu julgamento tinha um final premeditado. Manson foi impedido de fazer sua

própria defesa, como queria, e muitas vezes foi "podado" em pleno tribunal, como certa vez em que declarou: "Aqui não há justiça. Para que serve um julgamento se ele é parcial?"

Quanto a Calley: acaso não há matanças diariamente na Indochina? Toda essa história em torno de seu nome só serve para confundir a opinião pública mundial acerca dos verdadeiros responsáveis pela guerra: aqueles que estão auferindo grandes lucros com ela, e dos quais as Forças Armadas dos EUA, NIXON e seus aliados são apenas instrumentos. Este último, aliás, aproveitou bem a ocasião: vendo que sua popularidade baixava a cada dia, resolveu dar uma de bonzinho: "Vou anular a pena!" No fim, dá tudo no mesmo; a guerra continua, os massacres idem.

Assim, esses dois casos serviram para mostrar mais uma vez às "maiorias" silenciosas (sim, não só a de lá...) que a "democracia" é perfeita, que "ninguém" ficará impune pelos crimes cometidos, pois a Justiça não o permitirá, etc., etc., blá, blá, blá... E há quem acredite!

ZÉ ROBERTO

sátira do mad

"Vamos passear, Jane", perguntou Dick à sua jovem amiga Jane quando se encontraram no campus da faculdade. Ela animadamente assentiu com a cabeça e iniciaram o passeio. Ele tinha os cabelos curtos, era um belo rapaz de 19 anos, calça a marinheiro, combinando com uma sweater, de tenis vermelha e branca, sapatos de pele de

gamo. Jane, uma menina de olhar adorável, cabelos longos e maravilhosos, de vestido xadrez coberto com um avental curto, tendo junto ao coração, uma bandeira americana finamente bordada. Os dois formavam juntos o padrão de casal de estudantes americanos. "Que dia maravilhoso está hoje", disse Dick.

"E que grande universidade é esta, quanta sorte temos de estar aqui. É graças a Deus!" "Dick, você tem que profanar?" disse Jane. "Desculpe" disse Dick. "Oh, olhe" disse Jane "os cadetes do ROTC". "Como são altos e belos" disse Dick. "É uma grande turma". "Eles fazem com que eu me sinta arrepiada de prazer" disse Jane. "Eu duvido que exista alguém no campus tão amado pelos estudantes quanto eles." disse Dick, enquanto rapidamente limpava uma lágrima de admiração que lhe caía dos olhos. "Diga, Jane" disse Dick, "Você gostaria de ir ao cinema comigo?" "Eu gostaria" disse Jane, "mas..." "Eu desculpo-me por ontem a noite, Jane" disse Dick, "Eu não quis fazer o que fiz". "Não é que eu não quizesse beijar você" disse Jane. "Acho que há pelo menos 4 ou 5 meninas - "apressadas" no campus que beijam. Estou simplesmente salvando meus beijos para a pessoa certa." Neste momento chegou o reitor. Acompanha-o outro homem. "Alô, Dick e Jane", disse o reitor. "Alô", disse Dick, "as aulas melhoraram e temos que agradecer-lhe por isso." "Não" disse o reitor, "É o meu emprêgo, é um prazer trabalhar com jovens tão talentosos. Por falar nisso, quero apresentá-los ao Sr. Eric da Dow Chemical Company." "Sr. Eric" disse Jane, apertando a mão do homem, "Não posso expressar o orgulho que sentimos pelo magnífico trabalho que tem feito pelo nosso país. "Nós amamos o vosso napalm", acrescentou Dick com grande sinceridade. "Esperamos que você venha trabalhar em nossa companhia depois de formado Dick", disse o Sr. Eric. "Nada me daria mais prazer, mas primeiro devo ir ao Vietnã, quando o exército me terá inteiro" responde Dick esperançosamente.

(*) ROTC - patrulha de choque que "protege" os estudantes nas Universidades Americanas.

TRADUZIDO POR
OSMYR

O Pedroso Horta (líder do MDB) diz que aqui ela não existe.

O Adolfo de Oliveira (secretário do MDB) garante que sim.

Vamos então saber o que ela é.

a democracia

Democracia é essa forma de governo onde todos concordam em discordar um do outro, mas não convém discordar muito, senão acaba a Democracia. Há duas espécies de Democracia. A primeira ninguém pode explicar porque a segunda não deixa e a segunda também ninguém pode explicar porque a primeira não deixa. Enfim, chegamos à conclusão que numa Democracia o mais forte diz o que quer, mas deixa o mais fraco reclamar - desde que não reclame no rádio nem na televisão, nem nos jornais, nem nas paredes, nem nos comícios: quem quiser reclamar que reclame em casa, com a mulher - desde que ela não seja uma democrata da oposição. E quando não se consegue falar em Democracia, melhor passar os dias falando sobre o tempo, se vai chover ou fazer sol. Não sei se perceberam a sutileza, mas essa questão de Democracia é apenas uma questão de tempo. Donde se conclui que num regime democrático o que atrapalha o povo é o governo que êle escolhe.

(extraído de HOMEM AO ZERO - Leon Eliachar)

cabo anastacio

Cabo Anastácio é uma cidade situada a dez quilômetros de todas as cidades do mundo.

Em Cabo Anastácio

qualquer lugar fica ali na esquina e em qualquer lugar as esquinas ficam logo ali,

não se pintam muros pois não existem muros.

os campos estão dentro dos jardins embora os jardins estejam dentro dos campos,

não há filhos ilegítimos pois a ilegalidade é totalmente legítima,

não se acorda tarde pois muito cedo se bania o tarde,

não há demoras pois o que demora é a vida,

Cabo Anastácio é um lugar de onde sempre se parte e para onde sempre se retorna sendo o retorno uma nova partida.

Cabo Anastácio é a cidade sonho e existe na mente do paulistano, do novalorquino, do londrino, do parisiense.

Se Cabo Anastácio existisse teria um bilhão e meio de habitantes e ficaria a dez quilômetros de si mesma.



o
Em breve o museu de Arte Moderna de São Paulo, inaugurará uma coletiva, cujo objetivo é mostrar o que se faz atualmente em artes plásticas no Brasil.

Uma das pesquisas apresentada será o "jôgo do N O" de Mira Schendel (série de desenhos reproduzidos ao lado). Para os conhecedores de obras da referida artista, a pesquisa de formas ditadas pelo inconsciente profundo, bem como o estudo exaustivo do espaço, (principalmente seu espaço artístico, isto é, a fôlha de papel) não são novidades. (vide, por exemplo, os trabalhos com os quais venceu a última trienal da Índia).

A grande inovação destes desenhos se dá pela introdução do movimento, e ainda mais, do movimento apresentando o espaço.

O aspecto formal deste movimento leva-nos a uma nova lógica, de características profundamente espaciais (ao contrário da nossa, implicativa e temporal).

Este artigo tem por objetivo uma rápida análise da obra, ressaltando este aspecto lógico, sem contudo tentar lhes dar continuidade.

De repertório extremamente econômico, o jôgo é composto de fôlha de papel, forma N, forma O. Sua estrutura é dada pela posição entre o N e o O. O repertório por sua vez pode se apresentar através de traços cheios ou delgados, grandes ou pequenos. Desta forma, a obra é composta de duas entidades (n, o) que podem ser de dois modos (grandes ou pequenos), que por sua vez apresentam-se de duas formas (cheios ou finos).

Este aspecto dual da obra pode ser verificado a diversos outros níveis como por exemplo: dimensão espacial (plana), medida do papel (altura diferente da largura), materiais usados (papel e decalco de letras), cores (preto e branco) e etc..., o que torna a obra bastante agradável, visualmente falando.

Os dois primeiros lances (desenhos 1 e 2 ao lado) nos levam pela aproximação das formas a correr com os olhos o papel, descobrindo-o assim como nossa referência. Desta forma, O e N além de se apresentarem, graciosamente através de seu bailado nos apresentam o

papel.

Um primeiro problema, que deixaremos em aberto, se dá aí. Como formalizar esta nova qualidade do símbolo, que além de representar e se apresentar, apresenta sem representar, ou tra entidade?

Nos lances seguintes, inverte-se a situação, e o papel se portransforma em palco sobre o qual giram as formas. (Observe - mos que apesar disto, o papel não perde sua característica de elemento "vivo" dentro da obra).

O movimento do N, O leva à criação de sílabas, à sua dissolução e a mutações (caso do N que por inversão vira U). Às vezes estas transformações são violentíssimas como no caso do O, que por tanto crescer em relação ao N se transforma em círculo que o rodeia. Semânticamente, estes movimentos geram mutações (do N em U, do O em círculo), mutações apenas explicáveis através da sintaxe (de posição) dos símbolos.

É por demais sutil a maneira como a autôra nos propõe arrojada te se. Tentarei reformulá-la.

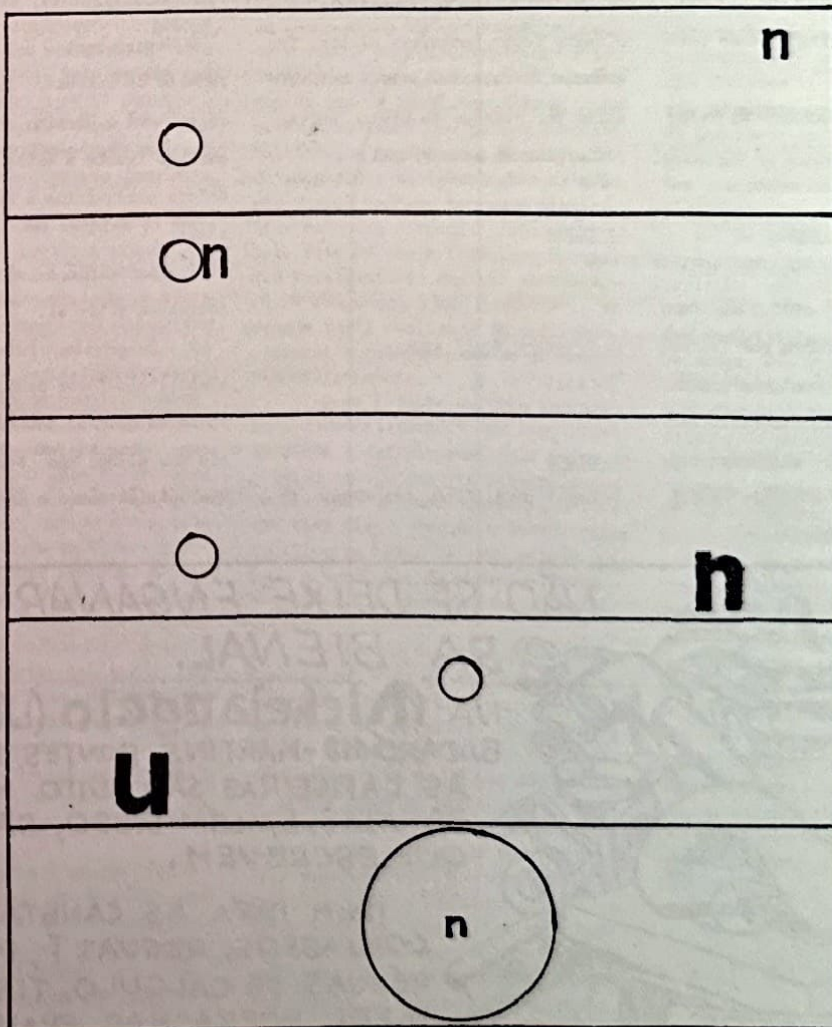
Semânticamente, às vezes nos encontramos frente a saltos qualitativos imprevistos e inexplicáveis. Na biologia, por exemplo, na evolução. Na história muito frequentes, etc... No desenho te

mos os saltos do N a U do O a círculo. Porque estes saltos inexplicáveis e imprevistos? Simplesmente porque nosso raciocínio só explica o previsto, e o previsto significa dado presente, determinar o futuro por indução e dedução. Exemplifiquemos: A sequência A B C D E facilmente explicável pois é a ordem que estas letras ocupam no alfabeto. Análogamente explica-se a sequência u, o, i, e, a. Já a sequência A B C M E F ... é de difícil explicação (o ruído M é totalmente inesperado).

Porém, certos tipos de transformações não lógicas, (como as duas da obra) têm uma explicação analógica (no duplo sentido, isto é, não lógicas, por se parecer).

O primeiro problema levantado por estas explicações é o da identidade. Porque o círculo e a letra O são aspectos da mesma forma que está se transfor

mando? Simples-
 mente porque são semelhantes em mui-
 tas qualidades (são redondos, sôbre o papel, bi-
 dimensional, etc... etc...). De onde tiramos êste pos-
 tulado é a pergunta que se impõe. Não sei, parece-me que êle
 surge do mesmo fundo de onde brotam nossos postulados da lógica.
 Outro problema: como aplico êste tipo de raciocínio nos saltos qua-
 litativos da física por exemplo? Aplicam-se através da conveniente for-
 malização do problema (formalização geométrica em essência) formalizaçã
 esta que a autora não desenvolveu mas sôbre a qual fornece diversas
 sugestões.
 Se mais clara ficou a reformulação, o leitor notará que o problema da
 descontinuidade, cada vez mais frequente em nossas ciências pode ser
 resolvido nesta lógica, que em sendo a histórica, se presta muito
 bem a uma lógica para a história. Desta forma, Mira Schendel res-
 salta a importância dêste aspecto da arte, que é, de parale-
 lamente à matemática, fornecer instrumental à teoria
 do conhecimento (tomada esta no aspecto mais
 geral, i.é., conhecimento cientifi-
 co e intuitivo).



"a"

incógnita

O departamento de pesquisa desta conceituada fôlha, na ânsia, e no afã (diríamos quase histeria) de bem informar aos seus leitores sobre os principais, palpantes e perigosos aventos do Brasil e do mundo, entre vistou altas personalidades civis e militares, e até gente mesmo do povo, sobre a tão prometida Reforma Universitária que este ano se inicia. A todos foi feita a mesma pergunta:

O que você está achando da Reforma?

um artista de televisão

- Bem, sabe, eu não entendo muito desse assunto, mas eu acho que... bem, que... as reformas devem ser feitas, o mundo vira, a vida continua ninguém segura este país, São Paulo não pode parar e eu quero mandar um beijo ao meu simpático e imenso público da Cidade Universitária.

Gustavo Corção

- Reforma, é? hum hum! Não sei não, mas sempre fui de opinião que não se deve mexer muito com as coisas que já estão funcionando há tanto tempo.

um hippie

- Reforma? Não! Nós precisamos de uma revolução universitária. Precisamos fazer banheiros mistos, frequência livre, sexo livre, substituir aulas por sessões de LSD e provas por orgias de sexo grupal.

um bicho

—?

um veterano do 5º ano

— Ats!

um aluno

- Legal paca! Não tem exame final!

outro aluno

- Uma merda! Não tem exame final!

um representante no Conselho Universitário:

- Num sei não! Esse projeto foi discutido, elaborado e aprovado sem a nossa participação.

Mr. Rudolf Atcon

- What's bagunça. O reforma que se aplicada non ser really aquêle eu propus. But, o universidade estar melhor assim do que antes.

O Papa

- (muito ocupado com seus afazeres, S. Santidade pôde mandar apenas a sua benção) - In nomine Pater et Fili et Spiritu Sancto, reformam universitariam bem aventurar fut. Coeli gratia descendum super ela.

O departamento de pesquisa, no intuito de informar imparcialmente se reserva o direito de não tomar posição frente a estas opiniões. Os únicos comentários a serem feitos são:

- 1 - As opiniões não são muito coerentes entre si.
- 2 - Os grandes interessados (nós, alunos) não foram consultados. Esta falha se deve ao fato de que a maioria dos alunos não tem realmente uma opinião sobre o assunto.

CÁSSIO



NÃO SE DEIXE ENGANAR FORA DA BIENAL.

NA Michelangelo (LÍBERO BADARÓ 119 - MARTINS FONTES 185), AS LAPISEIRAS SÃO MUITO MAIS BARATAS, E, ALÉM DISSO, SÃO DAS QUE ESCREVEM.

IDEM PARA AS CANETAS, COMPASSOS, RÉGUAS T, PENAS, RÉGUAS DE CÁLCULO, TINTAS, PAPEL, BORRACHAS, PRANCHAS, TRANSFERIDORES, ETC. E PRINCIPALMENTE ETC.

LAPISEIRA NO- \$ 3.500,00

Uma das características da sociedade humana em geral é a ocupação ou função a que cada um de seus membros está sujeito devido à diversificação das tarefas ligadas à produção e desenvolvimento desta sociedade. A necessidade e busca incessante de melhores condições de vida vai tornando cada vez mais complexo o processo de produção, fazendo surgir novas ocupações dentro da estrutura social. Na medida em que esse processo de produção é uma decorrência de necessidades de toda a sociedade, ele possui um caráter social. Portanto todas as pessoas que trabalham deveriam estar produzindo conscientemente para todos. Seu trabalho deve reverter em favor de toda a sociedade. A real consciência desse fato é maior ou menor de acordo com a época, mas em nenhuma delas se tornou tão evidente quanto na nossa o fato de se ter perdido essa consciência e o caráter social da função de cada um.

Esse aspecto da sociedade atual é geral. Não atinge particularmente um grupo ou classe social mas sim a toda a sociedade. As Universidades são, através de seus membros, partes integrantes da sociedade e trazem em si suas características e problemas. Porém, é nas Universidades que existem maiores aberturas e são dadas maiores possibilidades para que se possa compreender o processo pelo qual nossa sociedade está passando. Ocorre que hoje em dia as Universidades não agem no sentido da renovação social. Um dos reflexos disso é a não complementação do ensino ministrado nas diversas faculdades.

A maioria das escolas de formação científico profissional (e entre elas a nossa) deixam de lado o caráter social da profissão, restringindo-se a ministrar os conhecimentos específicos do ramo ao qual se destinam. Os dirigentes das Universidades não mostram na prática nenhum interesse por esse aspecto da formação profissional, demonstrando que eles próprios não o vêem objetivamente. Além disso, os estudantes, de uma maneira geral, devido à sua vida estritamente fechada em termos sociais, encaram a profissão como um método seu de viver, quer dizer, como se estivessem recebendo algo sem dar em troca. A preocupação com status social e salários que tal ou qual profissão permite, demonstra este aspecto negativo da maioria dos estudantes, interessados mais com o que irão receber de sua profissão e sem se preocupar com aquilo que poderão realizar em favor da sociedade como um todo.

A Engenharia é uma profissão e como todas possui uma função social bem definida. Esta função é caracterizada pela capacidade de aplicação da ciência pura aos casos específicos da sociedade em que se vive, funcionando paralelamente a um corpo de saber científico, uma tecnologia inteiramente voltada às reais necessida-

des da sociedade. O trabalho do engenheiro deve ser profundamente criativo. Ele é a pessoa que com um bom conhecimento da ciência e das condições sociais existentes, utiliza a ciência para criar novas e melhores condições de vida para todos. É uma fun-

ção que ocorre então? No que esta indústria auxiliou a grande massa de brasileiros que está marginalizada e desempregada. Dirão que houve criação de empregos. Só que são milhões de brasileiros que se encontram em condições precárias de subalimenta-

sobre a função social do engenheiro

ção dinâmica em que o profissional não pode se tornar alienado do processo social por ser um cargo de vital importância para o desenvolvimento. O engenheiro deve colocar-se na condição de propulsor do progresso e desenvolvimento, e deve adquirir essa consciência. No nosso caso temos ainda um agravante: o fato de vivermos num país subdesenvolvido implica em maior dedicação à resolução de nossos problemas. Porém, na quase totalidade dos países subdesenvolvidos, os engenheiros participam de adaptações de tecnologias criadas por outros países, tentando utilizá-las em nossa situação. Isto ocorre pelo fato de que a indústria é quase que totalmente de capital estrangeiro. O que surge é uma indústria em grande parte desligada da realidade nacional e voltada para um desenvolvimento aparente.

Como pode-se definir progresso e desenvolvimento? Uma tentativa leva-nos a definir como país desenvolvido aquele que sai integralmente da condição de subdesenvolvimento e que quer dizer, quando o Estado possibilita um nível de vida razoável e iguais condições de estudo e trabalho a todos os integrantes da sociedade.

Voltando-se um pouco ao caso brasileiro, nota-se que o crescimento econômico ocorre principalmente em função de alguns setores da indústria e das exportações. As exportações são função de um mercado externo e não levam em conta nossa situação interna. No caso das indústrias, a que tem mais crescido é a indústria automobilística (totalmente estrangeira). Esta indústria possui em seus países de origem condições bastante diversas daquelas que encontramos aqui. Com sua instalação, trouxe ram idéias e projetos já elaborados, sujeitos somente a pequenas adaptações. Não foi realizada em função de nossas necessidades neste campo. O

ção. Por que não se desenvolve com maior ênfase, por exemplo a indústria de máquinas agrícolas e tratores, que com a tecnologia da agricultura além de aumentar enormemente a produtividade, colocaria em melhores condições amplas camadas sociais até agora marginalizadas? Logicamente esta medida deveria ser acompanhada de uma reforma agrária que pode ir contra os interesses de algumas pessoas. Que parcela da população está interessada na produção de carros de luxo e esportes que podem ser considerados superfluos?

As perguntas ficam colocadas para serem pensadas com um pouco de espírito crítico. Basta verificar que isso ocorre em grandes setores das indústrias dos países subdesenvolvidos. Não é um fato isolado. A indústria do superfluo invade toda a sociedade a fim de satisfazer caprichos de poucas pessoas em detrimento das reais necessidades da sociedade. Também em países tidos como desenvolvidos isso ocorre, e com maior intensidade. No entanto eles próprios não acabaram com sua miséria. Os Estados Unidos, por exemplo possuem 66 milhões de pessoas com alimentação inferior à necessária e 32 milhões considerados pobres, vivendo em "guetos" (favelas). Com tudo isso acontecendo ainda importamos suas soluções.

Devemos, pois, encarar com maior cuidado o problema da formação do engenheiro brasileiro (com nossa própria formação) para que não nos tornemos reflexo de outras sociedades.

Brasil, 1922

O modernismo pode ser encarado como a interligação de três fatos: um movimento, uma estética e um período.

A finalidade deste era superar correntes de literatura forjada em moldes europeus.

Surgiu em São Paulo na famosa Semana de Arte Moderna em fevereiro de 1922. Sua época mais agressiva e dinâmica vai de 1922 a 1930. De 1930 a 1945 é a época de amadurecimento, sendo a fase mais fecunda, onde a pareceram as melhores obras. Em 1945 pode ser considerado encerrado o movimento.

Vejamos quais eram as condições de momento para a realização deste movimento:

Estávamos comemorando o Centenário da Independência; devido à I Guerra Mundial (1914-18) dificultava-se o comércio internacional, o que forçou a implantação de inúmeras indústrias no país, ou seja acarretou a substituição de importações com consequente desenvolvimento da economia nacional.

Constata-se também mudanças de costumes e nas relações políticas. Questionava-se o sistema político, dominado por oligarquias rurais. Surgia uma mentalidade renovadora na educação e nas artes. Observa-se também a influência da imigração para o Sul, centro da vida econômica e política da nação, trazendo novos elementos ao panorama cultural da região.

Todos estes fatos criaram condições para o aparecimento de um movimento renovador.

A maior preocupação dos modernos era: estarem sintonizados com os problemas atuais; exprimir em verso livre e sôlto, fora do convencionalismo dos modelos acadêmicos, a vida diária; dar forma de literatura a fatos da civilização contemporânea.

A renovação dos assuntos era também uma preocupação constante.

Iam buscar no homem o que há nele de infantil, mas também o que há nele complicado e oculto chegando a utilizar a psicanálise, o surrealismo e a antropologia.

É difícil, sem um exemplo, deixar bem claro os aspectos estéticos do movimento modernista, assim a cada

informação nova exertaremos um poema na tentativa de elucidação.

Como exemplo do lirismo profundo e da busca do que é complicado no homem, temos Manuel Bandeira em Momento num Café.

Quando o enterro passou

Os homens que se achavam no café

Tiraram o chapéu maquinalmente

Saudavam o morto distraídos

Estavam todos voltados para a vida

Absortos na vida

Confiantes na vida

Um no entanto se descobriu num gesto largo e demorado

Olhando o esquife longamente

Este sabia que a vida é uma agitação feroz e sem finalidade

Que a vida é traição

E saudava a matéria que passava

Liberta para sempre da alma extinta.

Preferiam colocar em verso tudo que indicasse a presença da civilização industrial: a máquina, a turbulência, o cinema, enfim, tudo que fosse cotidiano e fosse marca de transformações por que passaram.

Em Café-expresso, versos de Cassiano Ricardo, fica claro o exposto acima e ainda o não desligamento de uma realidade que era o predomínio do café na economia de São Paulo.

Café expresso - está escrito na porta.

Entro com muita pressa. Meio tonto,
por haver acordado tão cedo...

E pronto! parece um brinquedo:

cai o café na xícara pra gente

Maquinalmente.

E eu sinto o gosto, o aroma, o sangue quente de
São Paulo
nesta pequena noite líquida e cheirosa
que é a minha xícara de café.

(cont....)

A minha xícara de café

é o resumo de tôdas as coisas que vi na fazenda
e me vêm a memória apagada...

Na minha memória anda um carro de bois a bater
as porteiras da estrada . . .

Na minha memória pousou um pinhé a gritar: crapi-
nhé !

E passam uns homens
que levam às costas
jacás multicores
com grãos de café

E piscam lá dentro, no fundo do meu coração,
uns olhos negros de cabocla maliciosa a olhar
pra mim

Com seu vestido de alecrim e pés no chão.

E uma casinha côr de luar na tarde roxo-rosa...

Um cuitelinho verde a sussurar enfiando o bico
na catiléia côr de sol que floriu no por-
tão...

E o fazendeiro a calcular a safra do espigão ...

Mas acima de tudo
aquêles olhos de veludo da cabocla maliciosa a
olhar pra mim

como dois grandes pingos de café
que me caíram dentro da alma
e me deixaram pensativo assim...

Mas eu não tenho tempo pra pensar nesta coisas!

Estou com pressa. Muita pressa!

A manhã já desceu do trigésimo andar

daquele arranha-céu colorido onde mora.

Ouço a vida gritando lá fora!

Duzentos réis, e saio. A rua é um vozerio.

Sobe-e-desce de gente que vai pras fábricas.

Pralapracá de automóveis. Buzinas. Letreiros.

Compro um jornal. O Estado! O Diário Nacional!

Levanto a gola do sobretudo, por causa do frio.

E lá me vou pro trabalho, pensando ...

Ó meu São Paulo !

Ó minha uiara de cabelo vermelho!

Ó cidade dos homens que acordam mais cedo no mundo!

Como vimos, usando sempre a linguagem do dia a dia,
refutaram a literatura pomposa e retórica de seus anteces-
sores.

Chegaram a se tornar bastante agressivos no ataque
ao "lirismo bem comportado" dos estilos em voga.

Para ficar claro o sentimento dos modernos é sufici-
ente esta poesia de Manuel Bandeira chamada Poética.

Estou farto do lirismo cometido

Do lirismo bem comportado

Do lirismo funcionário público com livro de
ponto expediente protocolo e manifesta-
ções de apreço ao sr. diretor

Estou farto do lirismo que pára e vai averi-
guar no dicionário o cunho vernáculo
de um vocábulo

Abaixo os puristas

Tôdas as palavras sobretudo os barbarismos u
niversais

Tôdas as construções sobretudo as sintaxes de
exceção

Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador

Político

Raquítico

Sifilítico

De todo o lirismo que capitula ao que quer que
seja fora de si
mesmo.

De resto não é lirismo

Será contabilidade tabela de co-senos secretá-
rio do amante exemplar com cem modelos de
cartas e as diferentes maneiras de agra-
dar às mulheres, etc.

Quero antes o lirismo dos loucos

O lirismo dos bêbedos

O lirismo difícil e pungente dos bêbedos

O lirismo dos clowns de Shakespeare

- Não quero mais saber do lirismo que não é li-
bertação.

Fernando

LIVROS CONSULTADOS:

- Presença da Literatura Brasileira III Moder-
nismo - Antonio Cândido - J. Aderaldo Castello

- Antecedentes da Semana de Arte Moderna - Má-
rio da Silva Brito.



VIETNAM

Iº

Vietnam: por que este pequeno país é hoje um dos principais cenários da política internacional? A guerra. E porque a guerra? Pois é, todo mundo sabe que lá o todo poderoso exército aliado está travando uma luta não declarada (para quem não sabe a guerra do Vietnã não foi oficializada ainda). Mas são poucos os que sabem realmente o porque do começo da luta e quando os EUA começaram a intervir. É, não interessa, não se preocupa, não faz caso. O importante é saber que Hitler queria dominar o mundo e partiu para uma guerra de conquista, desencadeando a 2ª. Grande Guerra. Só que ele não se defrontou com o pobre, pequeno e só Vietnã, mas sim com as poderosas potências ocidentais, salvaguardas da democracia e dos princípios cristãos, etc. etc.. Só por isso todos conhecem a segunda guerra. Os crimes de guerra praticados pelos nazistas são julgados até hoje. Os absurdos, matanças, abusos de poder são repudiados por todos.

E o que acontece no Vietnã? Napalm, Super-Bombas, "cães vadios"(1), produtos químicos de efeitos os mais variados.

Vamos pelo começo.

A nova agressão ao povo vietnamita começou em meados do século passado (1840) quando os franceses em expansão colonial resolveram que deveriam proteger seus missionários das represálias dos selvagens que eles tentavam cristianizar. Para isso, navios de guerra partiram para o Vietnã, Laos e Cambodja a fim de tornar a população nativa submissa. Como eles se achavam superiores cultural, moral e socialmente, quiseram modificar o modo de ser do povo colonizado, adaptando-o

(1) - Um "cão vadio" é uma bomba semelhante a uma granada que contém 250 farpas de aço cortante como navalha. São lançadas através de uma bomba maior que contém 40 destas bombinhas. Próximo ao chão a bomba mãe explode jogando ao longe 40 "cães vadios" que estouram lançando ao todo 10.000 farpas. A pessoa atingida pelas farpas não morre imediatamente, mas agoniza por muito tempo com o corpo dilacerado. Mais uma grande conquista da tecnologia humana.

aos seus valores morais, sociais e culturais. Esqueceram somente suas idéias de liberdade, fraternidade e igualdade. As aptidões, hábitos e crenças vieram a ser julgados segundo um utilitarismo deformado: era útil e bom o que beneficiava o colonizador. A própria língua vietnamita foi romanizada. A nobreza tradicional e os mandarins perderam todo o prestígio e respeito, ocupando os "administradores" franceses todos os cargos e postos de autoridade do país.

Esta dominação, porém, desencadeou internamente aspirações nacionalistas e, devido à primeira Guerra Mundial (1914-18), muitos vietnamitas foram trabalhar nas indústrias da França para suprir a escassa mão-de-obra. Vieram então a tomar contato com a real ideologia professada por seus colonizadores. Proclamava-se então que a guerra estava sendo travada para "preservar o mundo para a democracia". O conhecimento desses fatos fazia germinar as idéias de libertação.

Por esta época, a França mantinha ainda o controle total da situação. Todas as tentativas de fazer surgir um movimento de âmbito nacional eram rapidamente anuladas por mercenários franceses. As inúmeras prisões e campos de trabalho forçado abrigavam mais de 10.000 por volta de 1932. Porém, paralelamente a estes acontecimentos, crescia a ocupação japonesa na Ásia. Em 1910 ocupou a Coreia, em 1930 solidificou sua posição na Manchúria e em 1937 invadiu o norte da China. Aqui começa a intervenção dos Estados Unidos no que se refere à Indochina. Os americanos achavam que eram grandes as riquezas a serem exploradas na Ásia, e a princípio não pensaram em perturbar muito as relações de poder existentes ou de destruir poderes rivais. Os Estados Unidos surgiram após a primeira Grande Guerra como potência mundial. O Japão era como que ponta de lança dos americanos na Ásia, já que havia grandes investimentos no Japão por volta de 1930. Demorou alguns anos para que os japoneses fossem vistos como inimigos.

Vem então a segunda Grande Guerra. A França dominada pelos nazistas facilitava a invasão japonesa na Indochina.

PAUSA - percebem a jogada dos Estados Unidos :

Os EUA sentiram-se ameaçados pelo Japão em relação a seus interesses na Ásia. Naquela época, Roosevelt previniu o governo francês de que eles perderiam a Índochina depois de terminada a Grande Guerra se a França se deixasse submeter ao Japão. Os franceses então, propuseram uma "aliança" aos nazistas para que se mantivesse a "supremacia branca" na Ásia (o mais ridículo e pernicioso racismo). Esta proposta não foi aceita por Hitler e o Japão tomou conta da Indochina.

De fato, a estrutura criada pelos franceses não se alterou e passou a servir agora a novos senhores. Os franceses por sua vez desejavam continuar na Ásia, e passaram a colaborar com os japoneses.

No entanto, começou a haver um movimento interno contra a dominação a que o Vietnã estava sujeito. I números nacionalistas exilados começaram a infiltrar-se pela fronteira com a China e, sob a liderança de Ho Chi Minh, criaram o Viet Minh. O movimento de resistência atingiu todo o território do Vietnã, conseguindo até ajuda dos Estados Unidos. Sentindo a pressão dos vietnamitas e já duvidando da ajuda francesa, os japoneses deram um golpe no dia 9 de março de 1945, expulsando e prendendo todos os não asiáticos que estavam no Vietnã, colocando no poder um tal de Bao Dai sob o título de "imperador".

O Viet Minh, no entanto, consolidava suas posições e já controlava grande parte do território do norte do Vietnã. A 19 de agosto de 1945 estabeleceram seu governo em Hanoi e dias após fez-se em Saigon uma grande demonstração de apoio ao novo governo. A 2 de setembro, Ho Chi Minh fez promulgar sua declaração de independência, que se baseava na declaração americana de 1776. A única saída aos japoneses era a rendição. Temendo a consolidação do novo governo do Vietnã, os americanos intervieram para que a rendição japonesa fosse feita a tropas aliadas. Mandou para o norte tropas chi-

nesas de Chiang Kai-Chek e para o sul, tropas britânicas. Estas tropas ao invés de aceitar a rendição, libertaram os franceses que estavam presos e lhes deram armas. Foi deixado de lado um acordo feito em 46 entre o governo de Ho Chi Minh e os franceses pelo qual a França reconhecia a República do Vietnã como Estado livre e soberano. Ignorando este acordo, começaram as lutas contra o Viet Minh no sul do país, tentando restabelecer o domínio colonial francês. Lutavam pelo "legítimo governo de Bao Dai". Foram movimentadas milhares de tropas, estabelecendo-se um novo massacre de civis. O povo vietnamita percebeu que nenhuma negociação era possível.

A posição dos Estados Unidos era de apoio aos colonialistas franceses, preferindo uma restauração da hegemonia destes que, através de seus vínculos ideológicos era mais acessível do que um Vietnã livre e socialista. Parte da guerra começou a ser financiada diretamente pelos americanos e em 1954 chegou a ser 78% dos custos da luta.

A guerra ia mal para os franceses. A resistência vietnamita fechava o cerco. A data fatal para os franceses: 8 de maio de 1954 - queda de Dien Bien Phu. Só restava a rendição. Foi estabelecido mais um acordo com o Vietnã. Desta vez, representantes do Ocidente e do Leste estabeleceram que o Vietnã seria desmembrado em duas partes, ficando a parte do norte sob o controle das forças de Ho Chi Minh e a parte sul sob controle de grupos pró-Ocidente. O acordo estabelecia ainda que decorridos dois anos após a separação, seriam realizadas eleições gerais em todo o Vietnã, surgindo assim a reunificação. Os Estados Unidos não eram signatários do acordo, mas o aceitavam nominalmente e em termos de sua política para a Indochina.

Porém estas eleições nunca se realizaram. Chegada a hora de serem realizadas, os americanos decidiram que era impossível permitir as eleições em vista do que eles denominaram de "estado de perturbação do país". A razão desta intervenção era bastante clara. O governo de Ho Chi Minh era bastante popular, e com certeza ganharia as eleições. Portanto era necessário preservar os interesses a salvo. Mais um "acordo" foi deixado de lado. Pretendia-se também barrar a "penetração comunista no Sudeste da Ásia".

Com esta intervenção direta dos Estados Unidos, começa a mais nova fase da luta do povo vietnamita na busca de sua soberania nacional.

Obs. : Os dados deste artigo encontram-se no livro de Bertrand Russel - "Crimes de guerra no Vietnã".



LIRA POLITÉCNICA

dispa-se
para que?

Raízes, Essência
Um corpo envolvente.
Mais forte uma casca.
Armadura de guerra.
Cobertura para todo o dia.
Composição morta.
Verdade restrita.
Não mais a vemos.
Mas que, do todo o dia,
Não se liberta.
Passa o tempo..
Leves mutações.
Início.
Do fim não se sabe,
Se será a liberdade,
Ou outra casca
Mais forte,
Malcheirosa
De uma guerra maior.
Mais suja, Lama.
De um dia a dia.
Mais rude.
Mas sacana.
Infinito pesadêlo.
Mas só há o início.
Ven a luta
Que cada vitória,
Parcial que seja,
É grande.
Insensidão cósmica.
Lua vizinha.
Campos, máquinas.
Complexo orgânico.
Ven, me dá forte o seu pulso
Que quero senti-lo
Junto. Tenso
Como estará num dia
Do fim? Do amor?
Nada aperta-me
Caminha. Descansa.
Nêste caminho
cheio de gente vasia.

Ricardo Aleixo - 2º Civil



ode à termo- dinâmica

A aula corre macia
ao som da voz tão querida
do mestre a falar de entropia
da pressão da água aquecida.
No tanque o vácuo se forma
se forma o vácuo na mente
a cuca divaga e retorna
num regime não permanente
O tanque no fim do processo
Se enche de vapor em excesso
não troca calor com o meio
a gente com a aula no fim
tá com o fígado ruim
todo o mundo co'o sacco cheio

Autor: Cassio

Cursando: 1ºano: português
2ºano: cálculo numé-
rico
Mec-Flu
3ºano: Elstro magné-
tismo
4ºano: Componentes
simétricos
Termodinâmica
Conversão

hoje

Homens calados, tristonhos,
Perambulando pelas ruas,
Sem saber o que fazer,
Todos incertos do amanhã.
Se hoje a fome é grande,
Se hoje trabalha-se muito,
Para muito pouco ganhar,
Como será amanhã?

Por todos os lugares onde ando,
Não vejo ninguém mais cantar,
Não vejo ninguém mais sorrir.
Marca de uma situação,
Preambulo de um triste fim,
Símbolo da grande decadência.

MANE

Cedo logo corre
No ônibus logo sobre
sofre, sofreu

A ela chega
antes do patrão
Ele entende!

Todo o seu dia
seu trabalho
a ela dá

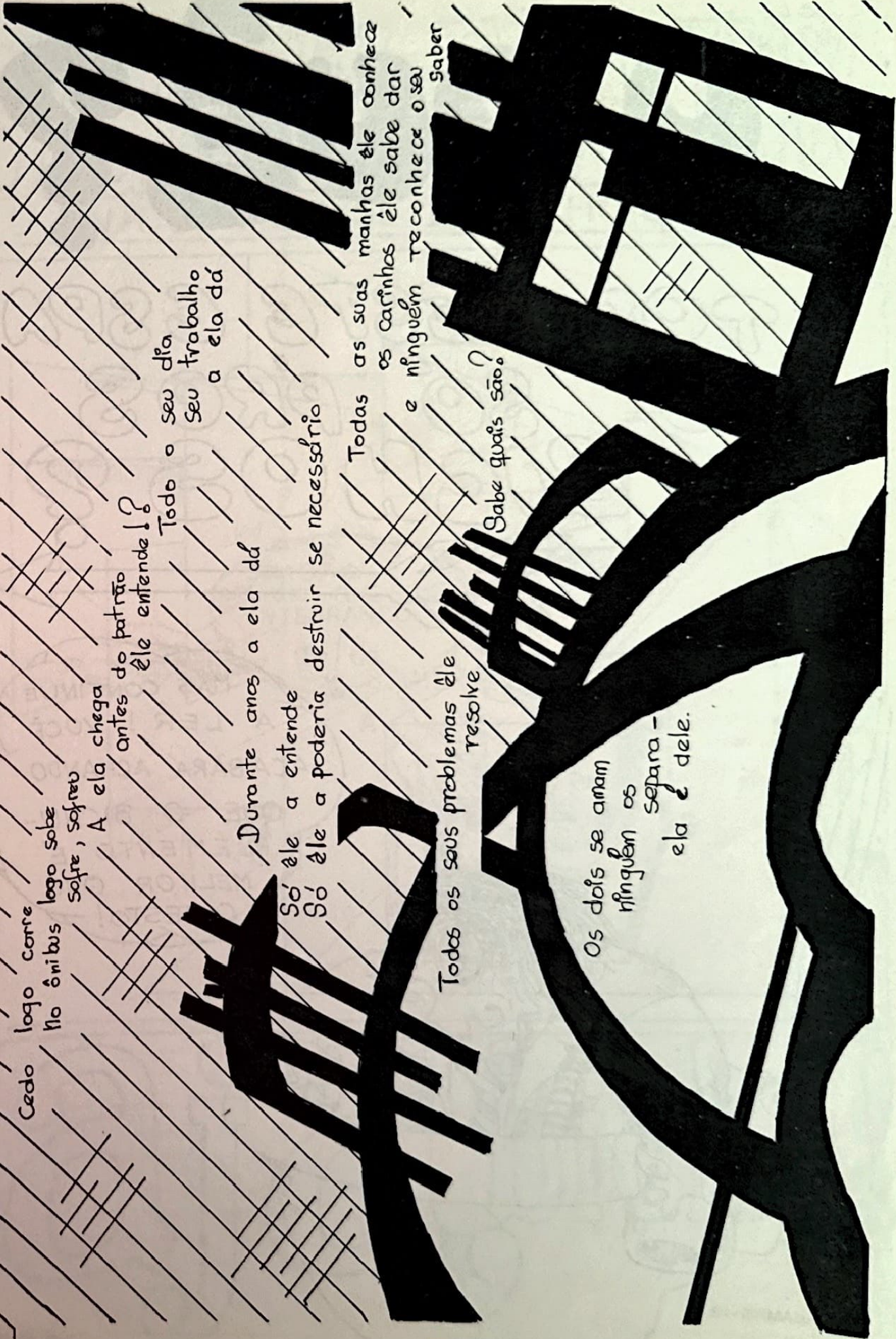
Durante anos a ela dá
Só ele a entende
Só ele a poderia destruir se necessário

Todas as suas manhas ele conhece
os carinhos ele sabe dar
e ninguém reconhece o seu
saber

Todos os seus problemas ele
resolve

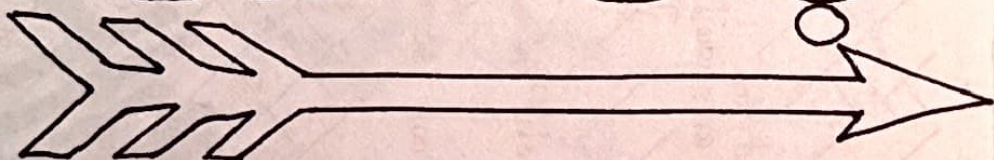
Sabe quais são?

Os dois se amam
ninguém os separa -
ela é dele.



O QUÊ?

TODO ESTE ESPA-
ÇO SÓ P'ROS
BICHOS?

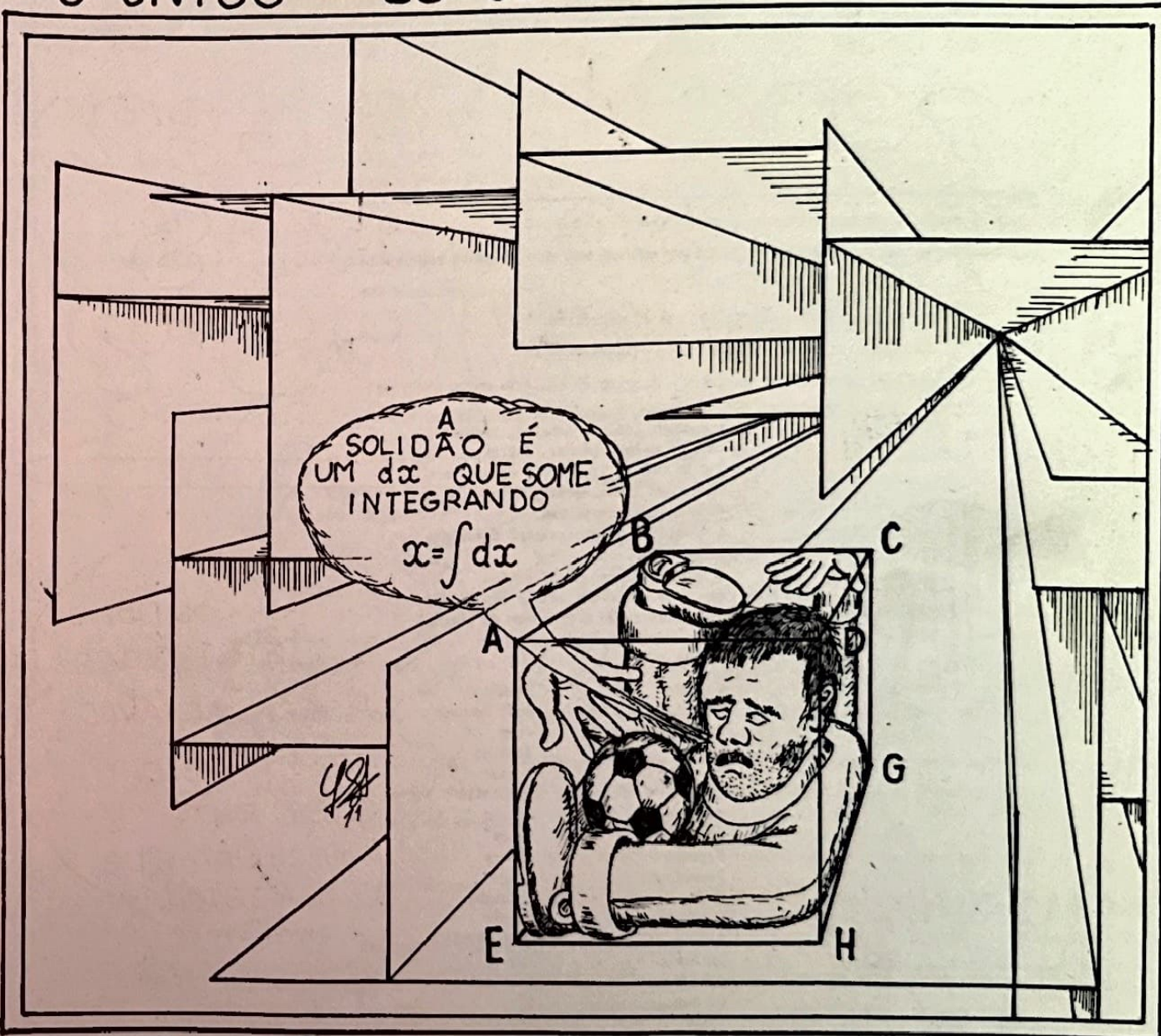


MAS CONTINUE
A LER! VOCÊ
ACABARÁ ACHANDO
QUE O BICHU-
PLEMENTO É
MELHOR QUE
O RESTO!



BICHUPLAMENTO

O ÚNICO - SÓ SE É BICHO UMA VEZ



ajá, bicho!

A equipe. Idéias, debates, trabalho, cabular aulas, pensar, escrever, sujar os dedos, levar dois meses para fazer uma lista em microtipo, tão pequena no meio da página.

A equipe do bichuplemento, futuramente do Poli-Campus.

A equipe. Em ordem alfabética. Já que a pequenez das letras não mede outra coisa senão a grandeza da página. Em branco.

Augusto	Ismael
Bertolla	José Eduardo
Carlos Roberto	Juan
César	Justino
Cyro	Koyama
Deal	Liudmila
Egberto	Makoto
Erasmo	Mauro
Fernando	Midory
Francisco	Mingo
Fred	Motchiko
Gaucho	Mourão
Gerson	Pedro Paulo
Gilberto	Ruy
Gilsar	Santiago
Gonzaga	Sérgio
Guido	Zé Carlos
Humphreys	

Depois de receber os parabéns de parentes, amigos e amigas (putz, que moral!), e de bem carecas desfilar... eis que estamos agora bem felizes a rachar...

O vestibular já era. Os problemas agora são outros.

✕ EXECUTE HIPO - Cálculo I - já estou integrando $\int x(t) dt$
- pô!, tem pouca mina! Só dá careca! - estou no laboratório; ah! sou cientista
- lanço meu programa pelo tobogã abaixo - Des-Tec - relatório -



Calma, colega! Respire. Espire um pouco sua mente sufocada de tantos números. Você já tem seu lugar. Você já é aquele 0,1% da juventude brasileira que consegue ir à Universidade. Pense nisso.

Chegou a hora de participarmos e ter uma vida consciente de universitários.

Temos que procurar cada vez mais informações para formar uma base sólida, onde apoiar nossas decisões.

Você tem agora em mãos uma excelente fonte de informações.

O POLI-CAMPUS é feito pelos colegas que já obtiveram algum conhecimento e agora querem transmiti-lo a nós. Assim sendo, quando você o abrir não procure apenas as piadas, mas leia também os artigos que vão elucidá-lo sobre problemas que o atingirão mais cedo ou mais tarde.

O BICHUPLEMENTO já é um resultado positivo da participação de alguns calouros que se interessaram em fazer algo útil. Essa turma que bolou o BICHUPLEMENTO será a futura equipe do POLI-CAMPUS. Só há um problema: a equipe não está completa. Precisamos de mais gente para fazermos o DEPARTAMENTO DE IMPRENSA realmente funcionar.

Procure nos murais o horário de nossas reuniões.

E, para terminar caro colega, um conselho: se você gosta da sua mãezinha, venha ajudar-nos a fazer de 71, o ano do POLI-CAMPUS.

E eis que chega a hora: 1ª aula na faculdade (e na Poli pô). Este momento merece ficar na lembrança para a eternidade (afinal aulas são melhores que tomar banho de cueca no lagunho, pensavam todos (principalmente os CDF)).

Mas com a 1ª aula veio também a 2ª surpresa (a 1ª foi o trote) - entra o mestre com cara de quem terminou as férias corrigindo provas de vestibular (no qual seu filho e seu sobrinho predileto levaram o maior ferro). Joga a matéria, quero dizer, seu material na mesa (a matéria será jogada mais adiante) e pergunta qual foi o último ponto que ele deu. E ante a cara de ponto de interrogação dos calouros insiste:

-É, pô, na última aula que tivemos no cursinho, não se lembram?

-Mas... (****)

-Como? não estudei no cursinho onde dou aula? então sifu, copie a matéria de um colega.

Aí começa a chutação:

-Vejam, cálculo é fácil, bico, no intervalo que vem a seguir, entre as aulas leiam da pág. 80 à 450. Como? o livro só vai até a pág. 348. - e resmungando: não sei porque não deixam as dúvidas para depois das aulas, ou então para o intervalo. Interessante, pensei

aulas...

que existisse mesmo a pág. 450. Ora, isto deve ser a integral da raiz enésima de 348 em função de dx .

Aliás este é um bom exercício, façam-no também no intervalo. O quê? não tiveram ainda aula de física sobre integrais? E daí, quem dá integrais sou eu não? Ou não sou mais o professor de matemática?

Aqui cabe uma pequena ressalva a qual entretanto nosso querido mestre de matemática não entenderia: não se trata de rivalidade, ninguém cobiça sua poltrona (ou melhor sua cadeira) mas é que nossos professores de física não podem trabalhar sem o instrumento (que os matemáticos perdem o termo) que é a matemática. É que normalmente temos os camelos antes da carroça (e a carga da carroça antes dos dromedários (ou será que eu tinha me referido a camelos? ou girafas? Mas isto tudo não interessa, consideremos todos estes animais como sendo equipolentes (demonstre isto no próximo intervalo) e voltemos à vaca fria)). Como íamos redigindo; nossa aula de discussão é antes da aula de teoria e esta é nos capítulos adiantada em relação à aula de matemática a qual nos dará possibilidades para que a entendamos vagamente, ao menos para que possamos sair dizendo por aí que a desintegração do índio não é a operação inversa da integral, aplicada fisicamente e em termos práticos.

Entende-se por termos práticos a destruição sistemática e progressiva do maior número possível de aparelhos do laboratório tal como colocar (sem querer), 1200 volts numa tomada onde só entram 120 para quando nosso colega que está na fila esperando vez para fazer a experiência (por falta de aparelhos ou

aulas!

de alguém para chupar a experiência) sinta-se frustrado e tenha que entrar em outra fila (da mãe). E o laboratório além de tudo isto ainda é frustrador - o pobre bicho que pregava aos quatro ventos o machão que é (exceto diante dos veteranos, diante dos quais jura sobre a bíblia que é exatamente aquilo que eles afirmam que ele é) vê-se obrigado a paquerar outro bicho para ver se ele aceita fazer junto o programa do dia. Em discussão a coisa é aproximadamente a mesma só que aí ele tem que pedir para entrar no pau. (Para alguém entrar num grupo já formado da aula de discussão só por ordem superior).

Naturalmente a situação real não é tão desastrosa. Apenas desejamos mostrar algumas falhas flagrantes que aliás muitos colegas já notaram e das quais reclamam. É verdade, a matéria é em sua maior parte sequência daquilo que já deveria ter sido visto anteriormente (fora da faculdade). Somos obrigados a aceitar "matéria registrada" isto é, estudar metade da matéria que deveria ser explicada em classe, em casa, sob o risco de que em caso contrário a matéria exigida para a próxima prova não seja dada (nem os pontos principais). E mesmo assim nas poucas provas que tivemos foi fácil constatar exigências de pontos que não haviam sido ainda ventilados, ou então que o tinham sido muito (mas muito mesmo) superficialmente.

Outro problema grande é o do horário em que aulas de discussão e exercícios antecedem a aula de teoria. Então ocorre que normalmente o professor de discussão acabe tendo de dar matemática, teoria e exercícios. Além disto estas aulas apresentam turmas muito grandes (6 até 7 alunos num grupo), o mesmo ocorrendo em laboratório.

aulas?

Até agora só fizemos críticas, chegou a hora de dar uma sugestão sobre como tentar melhorar isto: mais professores (isto significaria turmas menores, maior rendimento, horários mais elaborados, etc.) Isto por sua vez implica em um aumento de verbas destinadas à faculdade. Os professores teriam maiores sa-

lários, valendo a pena ser apenas professor e não exercer outras atividades extra curriculares o que reduz suas horas de aulas disponíveis. Uma verba maior significaria também mais aparelhos, um laboratório melhor. Além de tudo isto é necessário que nós também participemos criticando o que estiver errado na aula, diretamente, ou seja "discutindo" com o professor a melhor maneira de corrigir a falha.

Se nada disto se fizer só poderemos sugerir mais uma coisa: dar tempo ao tempo.

CRUSP

Circunflexo, genuflexo, sacrifício, crucifixo. O porão sujo não tem janela. Entre pares de meias e cuecas secando, filtra-se luz amarela que lhe consome a vista no esforço decifrativo de caracteres mal delineados. A rua é "bôca" sujimunda, de lixo. E ossetentacruzeiros do aluguel, e o ônibus super lotado, e o estômagovazio, e o sacco cheio.

Pois é, tem o C.R.U.S.P. Lá você não paga ônibus, nem aluguel. No CRUSP não é "bôca" e o sol da manhã o desperta alegre para o dia de estudo.

Então?... você sabia que ele foi construído para abrigar os atletas dos jogos Pan-americanos de sessenta e três? Neste mesmo ano foi invadido pelos universitários. Assim conquistado, tornou-se o Conjunto Residencial da USP.

Mas não ficou nisso, não. Nessa época iniciavam-se as tentativas de Reforma Universitária, situações

políticas com bases abaladas, tumultos por questões econômicas, era a Revolução de Sessenta e Quatro.

O CRUSP foi palco de manifestações estudantis, debates, críticas, culminando com a primeira invasão militar.

Outra vez os alunos o conquistaram e outra vez viram-se expulsos de seus alojamentos em plena madrugada, vésperas dos exames finais; novamente pelo exército.

O motivo?! "subversão" diz a "fôrça".

Mas a "fôrça" prevalece e desde sessenta e oito o C. R.U.S.P. continua fechado.

Ele que consiste numa oportunidade para o estudante de outras regiões formar seu ambiente social, permite a continuidade dos estudos de alunos em difícil situação econômica. Enfim, o CRUSP não é visto apenas como um Hotel e sim como um Centro de vivência.

Não é só de teorias e questões a vida do universitário. Todos precisam de atividades culturais, esportivas, diversões. Tem-se no CRUSP todo esse potencial. Fora dele também há essa possibilidade, porém não ao alcance da massa estudantil proveniente de outras localidades, isto é, não acessível à situação financeira deles (nossa).

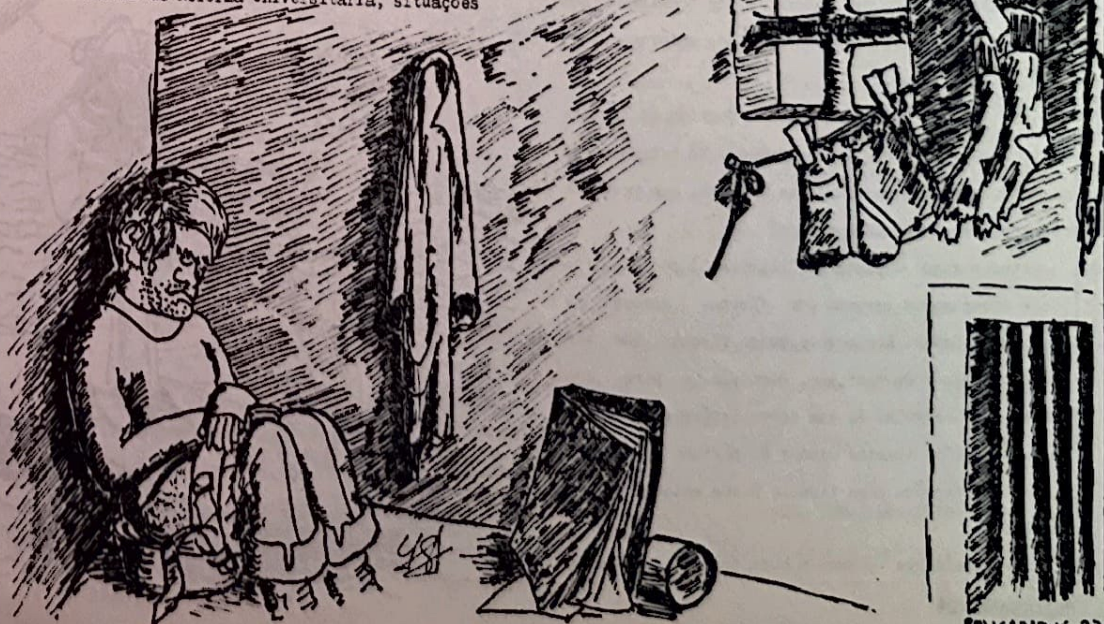
Na Universidade do Rio de Janeiro, os estudantes moram num antigo presídio, adaptado para residência. Com o término da Cidade Universitária do Rio prevista para setenta e dois, os cariocas terão alojamento com capacidade de abrigar três mil estudantes.

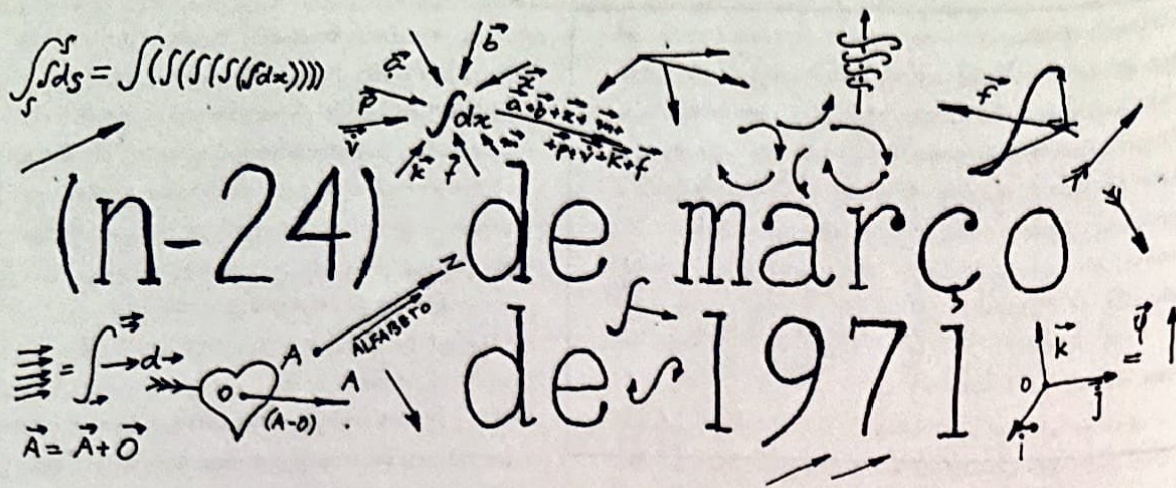
A nossa situação não pode ser tão otimista assim. O CRUSP está lá, logo à entrada da Nossa C.U., incompleto, FECHADO, quase para ser extinto.

Projetos existem para modificar sua finalidade, transformando-o em centro de computação, e outros departamentos.

Assim... alunos, reitor... abre, porém... não abre.

Pense!...





São cito horas da madrugada. Em meio ao nevoeiro matinal eis que o sonolento bicho sobe os primeiros degraus de nossa escola. Sua primeira preocupação é verificar se não há agentes da Gestapo (aqueles seres que têm um "treco" na cabeça chamado cabelo) nas proximidades. Esgueirando-se dos cruéis agentes vai procurar um lugar no dormitório ("anfiteatro") amarelo durante a possível primeira aula.

Encerrada esta, já sente os primeiros efeitos de um "negócio" amarelo brilhante chamado Sol. Outro dia mesmo ao seguir para a arena ("cirquinho") subitamente os agentes da Gestapo levaram-no a um lugar (ônibus da Colsan) onde retiraram quase todo o seu sangue para enfrentar o leão da posteridade na arena. O leão é hoje ajudado por um bando de serpentes que usam brincos na cabeça dianteira e trazeira (\int_1^x). Decorridos uns quarenta minutos, já exaurido, o "bravo" gladiador começa a perder a "luta". "Luta", ou melhor, certa parte do corpo... onde?... De repente mais sessenta minutos de °. Foi marmelada. Esqueceram-se da regra dos dez minutos de descanso.

Meio-dia. Afinal está na hora de escolher uma das filas onde se fornece alguma coisa que o fará almoçado. Muitas vezes ao voltar à escola procurará a folha mais macia do seu caderno e uma "casinha com pocinho" desocupada para fazer grande esforço em prol da libertação...

Mas logo estará ele novamente fugindo de agentes armados com terríveis foices duplas. Vê outros seres parecidos com ele mas nunca os conhece, nem pretende conhecer. Para que conhecê-los?

Atravessando o pântano ("laguinho") por estreita ponte encontra-se cercado por flechas envenenadas com propriedades. Aos poucos estas flechas que ele nem sabe sequer de onde vêm, como são e para que servem vão mergulhá-lo num sono letárgico. Neste instante certos insetos vindos do pântano lhe aplicarão seus ferrões para tirá-lo desse estado de letargia.

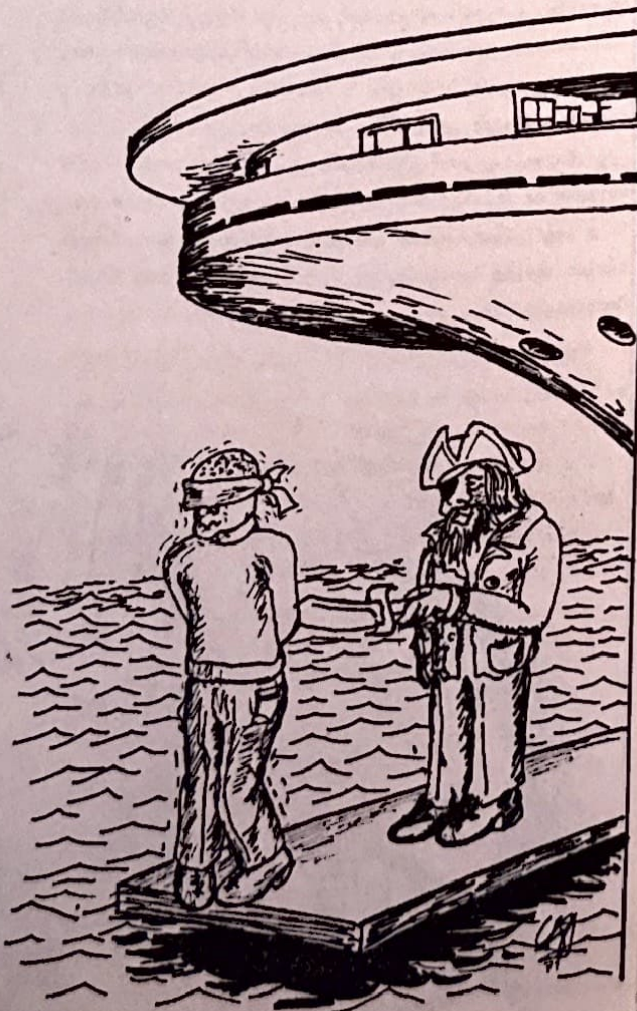
Mas finalmente chegou a hora do bicho ir para

o lugar de onde veio às oito horas da madrugada. Verifica que sua situação financeira está caótica de pois de comprar souvenirs dos agentes da Gestapo por livre e espontânea vontade forçada. Esta noite ele precisará fazer um programinha $\text{BOM} \rightarrow \text{PUT} + \text{AÇAF}$. Terminado o programa pega na curva francesa prá fazer o trabalho de Des-Tec.

"É, este até que foi um excelente dia. Já não faz muito tempo que esses miseráveis agentes jogaram-nos entre as piranhas do pântano e depois marcaram-no todo com ferro em brasa para pedir esmolas."

Ah!!! Faculdade-que delícia!!!

MINGO



função de um repre- sentante

Manifesto minha grata surpresa por ter encontrado um Grêmio ativo a nos amparar, e fazendo com que tivéssemos participação nos problemas da nossa faculdade.

Você é parte integrante dessa grande máquina que é a USP. Todos os problemas que a faculdade enfrenta são seus também. Você é aluno, e as novas reformas refletem-se no ensino que você irá receber. Não só essa parte, como as promoções no âmbito social são de grande importância. Você deve estar a par delas, fazer com que sua opinião seja ouvida, e tomar conhecimento das opiniões de outrem também. Mas, é nesse ponto que surge a pergunta daquêles que pretendem se manifestar:

- "COMO POSSO EU FAZER PARA QUE SAIBAM AS SUGESTÕES E QUEIXAS A RESPEITO DOS DIVERSOS ASSUNTOS?"

Resposta: Foram eleitos em cada turma indivíduos denominados REPRESENTANTES DE CLASSE, que têm a função única e primordial de fazer com que a sua palavra chegue até o nosso órgão máximo de representação entre os estudantes e a diretoria, isto é, o Grêmio, nosso tão conhecido, que encaminhará suas reivindicações ao devido lugar. Via de regra, cabe-nos avisá-lo que você saberá o que foi decidido na reunião de representantes pelo próprio representante.

Gostaria de saber se você votou na eleição de seu representante e na de Vice-Coordenador do Biênio. Saiba que o não conhecimento das funções do representante de sua classe é principal fonte de mal entendidos, o que poderá ocasionar brechas na nossa organização.

Você não deve ser apático. Como parte integrante da Universidade deve interessar-se por tudo que aí decorre, o que irá afetá-lo. Você só conseguirá isso, "batendoum papo" com seu representante o maior número de vezes que puder. Diga a êle tudo o que você achar que deve ser feito, que assim isso será proposto na reunião de representantes. Sua sugestão será examinada em caráter geral, visando os interesses de todos os 600 que entraram na POLI, inclusive você, embora a adoção de medidas drásticas seja impossível por vezes; saiba que o representante não é a Escola, e sim uma pequena peça na grande máquina que a Universidade é.

Nossa função de representante é muito importante.

Nós nos propusemos a executá-la sem que com isso nada ganhássemos, além da possibilidade de cuidar dos seus interesses, que são os nossos também.

Coopere conversando conosco, e você estará nos ajudando a zelar por condições melhores para todos nós.

E VOCÊ SABE DISSO.

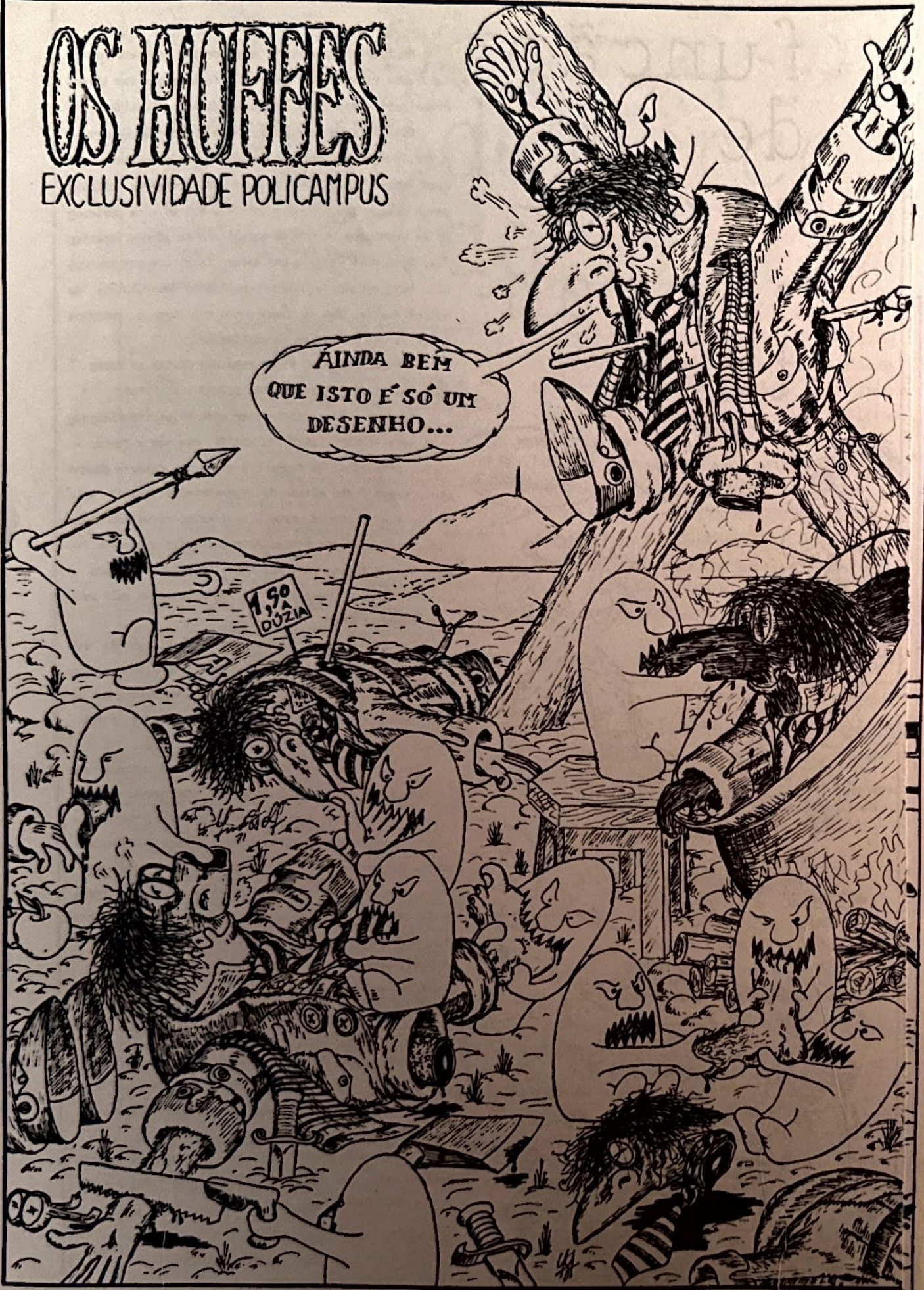
ASS. UM REPRESENTANTE.



OS ABOGADOS

EXCLUSIVIDADE POLICAMPUS

AINDA BEM
QUE ISTO É SÓ UM
DESENHO...



De como um bicho veio à nossa escola OU integração

Hora: duas da tarde.

Local: C.U.

Uma figura exótica caminha por entre moitas de campim estranhamente ornadas com tufo de cabelos, às margens de um charco pestilento. Com o rosto pintado qual o de um desses índios que vemos em filmes de "bang-bang", uma brilhante careca exposta ao sol, o nosso insólito personagem perambula a ésmo e medita: "É, afinal consegui. Entrei na Poli! A paz, a tranquilidade, os benefícios da Cidade Universitária estão ao meu alcance. Escapei vivo do trote, logo tenho boas possibilidades de vir a ser um Engenheiro... e formado pela Politécnica!"

Meses após, um rapaz de cabelos curtos, uma pasta azul repleta de apostilas, exercícios, fôlhas que parecem querer extravasar de um momento para outro, com um grosso volume onde se lê "Cálculo" sob o braço, anda apressado através de um estreito corredor. Examinemos melhor.. hum... o mesmo nariz um tanto exagerado, os mesmos óculos de grossas lentes, o mesmo jeito estabonado de balançar os braços enquanto caminha. Sim, já vimos este rapaz antes; só que em condições bem diversas. Agora o desânimo estampa-se em sua face.

Um pensamento, quase visível, passa na mente do ex-bicho: "Ora, bolas! Peguei quatro "pedros" por um "lauto" alôço de arroz (devia ser "brejeiro, pois parecia mesmo ter vindo de um brejo), uns grãos de feijão, umas ervas esquisitas com picles, palmito duro e duas ervilhas (título: salada completa) e um refrigerante. Agora vou para a prova de Cálculo I***. E pensar que "rachei" um ano inteiro para conseguir isso! Aulas, provas, Load Hipo, Fórmal (IX, F...), (do jeito que está o meu respectivo, já não há formato que o contenha), relatórios, "laboratório"... Prá corcor as desgraças só falta o Corintians ser campeão este ano..."

É; este é um bicho quase "integrado" na escola.

Entretanto, o alheamento, a g

patia não é solução. Há um meio de diminuir a aridez da escola e do estudo, de sentir-se útil, de fazer algo que altere esse estado de coisas. De você é necessária uma participação ativa e não passiva na vida escolar (lembra-se da Mapofei? Foi legal, não foi?).

Para que haja uma parte de relacionamento humano, social, onde você possa reencontrar-se e perceber que ao seu redor há também outras pessoas é que existem os diversos departamentos do Grêmio Politécnico. Não fique parado, bicho. Sacuda as teias de aranha; procure o que mais lhe interessa. Dê sua colaboração, seu incentivo a estas atividades e verá como a escola muda de aspecto. E você também...

(Demi)

gal

Faz muito bem ouvir Gal. Faz muito bem ver Gal. E Gal estava com a gente na quarta-feira, após a tal prova de Cálculo, aqui, na Poli. Quando Gal canta, não é preciso entender; somente sentir, somente "curtir" a sua presença, a sua interpretação. Como disse um amigo meu durante o show, "a diferença entre Gal e, por exemplo, Elis Regina é a mesma entre o Homem e a Máquina. Elis é a Máquina: cantando certinho, afinada, com a voz bem colocada, automaticamente. Gal é sentimento, é calor. É a vida vivendo, é a morte sorrindo."

Bicho, dá arrepios ver e ouvir Gal cantando "Açua Preto",

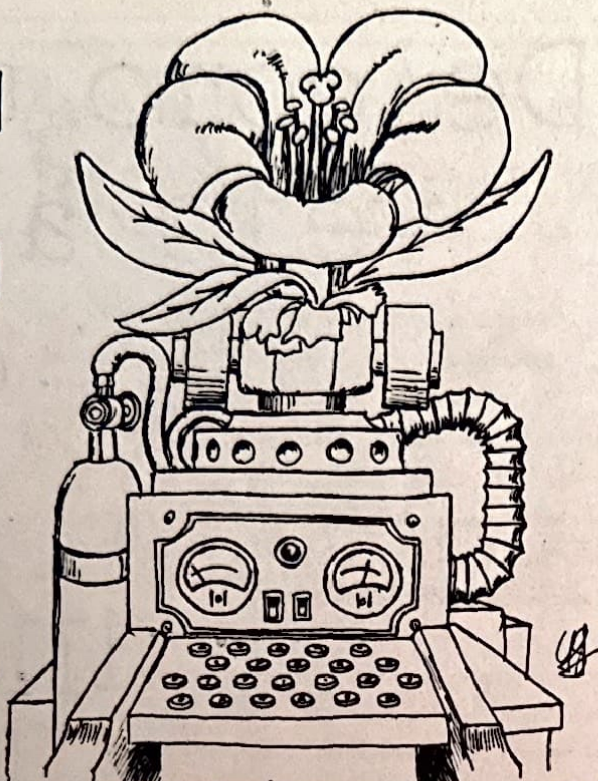
"Vapor Barato", "Hotel das Estrelas", "Você Não Entende Nada", "London, London" e outras.

O anfiteatro amarelo estava lotado. Pior que ônibus para a C.U. de manhã. Tinha gente da FAU, da Filosofia, da Mauá, da Economia, do ITA, etc. O som Imaginário estava lá também, acompanhando a Gal. Quantíssimo. Naná fez o que quis na guitarra elétrica. Roberto na bateria, idem.

O Grêmio Politécnico e o Departamento Social deram mais uma dentada. Ótimo. Agora espera nas outras.

(Demi)

ARTE & ESCOLA



Precisamos, necessitamos, esperamos concretar nossas cidades, nossos seres, nossos espíritos.

Construamos tudo, pois os humanos irão fazer um bom proveito, naturalmente. Esta raça insensível e decadente dos humanos. Sabemos que estamos todos muito ocupados em levantar estruturas bem sólidas, verdadeiras fortalezas para enjaular a malta, sabemos a comunicação difícil hoje em dia, pois, lentamente, bárbaramente a massa concreta tapa-nos os ouvidos, enche-nos a boca, sufoca-nos pouco a pouco. Sabemos disto e de mais. Deveríamos saber também que é preciso parar, parar para olhar, perguntar, procurar.

- Ei, tecnocrata! onde estará o HOMEM? É, o HOMEM, este desconhecido componente do cenário atual. Ele, que faz muito mais do que só construir, construir, construir... Difícil achá-lo aqui, ali. Talvez no além ainda exista alguém. Talvez... Falando sobre o HOMEM lembro-me de algo. Lá, olhem todos, lá naquele canto escuro e escondido, todo coberto de pó e telas. Ajudem-me aqui. Isto, soprem com força, o homem, joguem água e luz. Espantemos os vermes que correm no canto. Aqui temos a coisa. Vêem? Podem sentir? É o amor. Estranhas? Não deviam. É uma propriedade do espírito apenas, amar. Ah, esqueci-me, concreto realmente não tem espírito. Bem, agora que temos o achado, que fazer? Amigos, pratiquemos. De cálculos e medições tratam muito bem a matemática e a física. De coisas do espírito, de sentimentos, do AMOR falam-nos as ARTES. Esta também é uma palavra meio desconhecida para nós. Mas não vai continuar assim. Nós, politécnicos, vamos dissecá-la, senti-la o mais que pudermos. Amigos, eu os convido e os incito: pratiquemos o amor e as coisas do espírito nas artes. Reseduquemo-nos como HOMENS que somos. Vamos derrubar as jaulas de concreto que nos sepa-

ram, que nos confinam à torpe existência de cães. Há nesta escola um grupo que não está morto ainda. É composto por aqueles que não se interessam só na concretização da grande cidade. Este grupo, que conhece os problemas da desumanização, quer fazer tudo para contê-la. Todos que compreendemos isto, temos um dever de levantar aqueles que se afogam e são tragados pela massa estúpida.

Nós, já não teremos tanta dificuldade em nos integrar nas atividades culturais, já que o Grêmio da escola tem vários departamentos estruturados e em funcionamento. A nós só resta participar. É muito fácil a gente chegar à conclusão de que, por exemplo, não temos "queda" para teatro ou ainda, para o cinema e outras coisas mais. É fácil, é só nunca ter tentado nada, é só permanecer neste sono letárgico que nos afeta com relação às artes em geral. Mas saiba que mesmo você que é todo inibido e que nada sabe fazer, você que durante dezoito anos tem vivido e estudado, e feito tudo em benefício próprio, saiba que é tempo de fazer algo com sentido de grupo, com amor. Cada um tem muito a transmitir à coletividade. O Teatro, Cinema e Imprensa são ótimos meios de fazê-lo. Para levar em frente os mais variados setores de cada grupo é preciso muita gente. Só assim será possível uma perfeita distribuição de trabalhos. Um exemplo, o Departamento Social. É de sua responsabilidade organizar bailes, shows, chopadas e rodas de samba. E todos já pudemos notar que ôle funciona, pelo Baile do Bicho, o Show da Gal (você foi?). Há muitas outras coisas a serem feitas, mas para tanto a contribuição de todos é necessária desde a fase de lançar as idéias até a participação pelo comparecimento. Olha, sempre dá para iniciar. Arranje um tempinho extra aí e venha trabalhar com a gente na Imprensa, Teatro, Cinema, Departamento fotográfico, tá?

Fred - Mauro

bichos contra

COSEAS, Coordenadoria de Saúde e Assistência Social (ex-ISSU), é o mais eficaz e o mais nobre departamento da universidade. É necessário que nós alunos, tomemos consciência de quão valioso é este órgão (Só neste ano a COSEAS atendeu 1700 alunos necessitados de atendimento médico).

Mas... para uma prevenção de certas doenças, a Coordenaria veio a você, antes que você fosse a ela. E para isso lançou um inquérito médico-social há algumas semanas atrás.

Aí então... pinta!!! Os alunos perceberam que o questionário entrava em detalhes econômicos desnecessários numa pesquisa médico-social.

Levaram suas dúvidas ao Conselho de Representantes. Discute, discute! E os caras aparecem com isto na classe:

-As perguntas duvidosas são as seguintes! E deram a lista negra.

Alguns representantes (aquêles que funcionam) explicaram o porquê da coisa, aos indivíduos que ainda achavam-se alheios (C.D.A.)*, outros (que só faltam levar a cama para as reuniões) limitaram-se à frase acima e clo sed spot.

Tudo que aparece nesta universidade, e mexe com dinheiro, fede a ensino pago (o monstro desforme, de nosos pesadelos, que veste uma camisa da USP).

Os representantes levaram a questão ao prof. dr. Irineu Strengher (diretor da COSEAS), e muitas conclusões (e dúvidas novas) foram obtidas.

Os primeiranistas (primeiranista = bicho, só que uma é linguagem erudita, a outra é troglodita) disseram-lhe que dois grandes motivos impediam os alunos de responderem.

Uma delas, foi a coação; os alunos deveriam responder, caso contrário não teriam direito de se matricular em no ano letivo de 1972.

O diretor retrucou que não havia sido dadas ordens nesse sentido e que talvez só na Escola Politécnica existia o abuso (enquanto ISSU no J. O. Montairo de Camargo, tremulavam aquecedores, cartazes no mesmo estilo, que se dirigiam ao Instituto de Física).

O outro motivo, era o do levantamento, aparentemente inútil, de dados econômicos.

O professor disse que a suposição de servir aquela pesquisa para a implantação do ensino pago era infundada:

-Além de tudo, se o governo quiser fazê-lo, ele não entrará em tais rodeios.

????????????

(No ano passado, uma notícia, de janeiro ou fevereiro, dos jornais, dizia que o governo lançaria nas universidades, uma pesquisa, visando a implantação do ensino pago).

(A pesquisa da COSEAS, no ano passado teve essas características, e graças ao pulso forte do Corpo Discente, foi modificada).

O diretor mostrou ser a pesquisa, necessária, por que o universitário brasileiro tem isso, tem aquilo, etcetera, etcetera (o universitário brasileiro é podre, resumindo).

Lembramos ao sr. Irineu Strengher, que somos brasileiros, e se o brasileiro é subnutrido, nós também - o somos, porque somos um sub-conjunto dos brasileiros:

O universitário brasileiro, disse ele, tem baixa taxa de hemoglobina (0,013%, o americano tem 0,016%; a tendência da nossa hemoglobina é diminuir, proporcional ao nutritivo alimento fornecido pelos restaurantes da Cidade Universitária. Que adianta ter dinheiro se você almoça aqui?).

O que criou dúvidas também, foi que a pesquisa estava dividida em 3 folhas, uma médica, uma social, e uma econômica; nas três o aluno colocava o seu nome, e como se cada uma fosse para um lugar diferente.

Foi-nos garantido pelo diretor da COSEAS, que as respostas seriam mantidas em sigilo (é a ética médica).

Inquirimos alguns doutores, sobre a ética médica: -Atualmente, ela não é mais cumprida à risca, além disso, está sujeita à uma hierarquia!

Abre parênteses. A assistente social da COSEAS estava de férias na época de confecção do questionário e os representantes discentes do Conselho Universitário nem chairaram essa pesquisa. Fecha parênteses.

Não queremos duvidar da ética médica, agora..... a folha médica era separada do questionário, e as outras duas poderiam ser reveladas sem prejudicar o nome do médico.

Resta saber se o James Bond esteve aqui, se esteve foi descoberto pelo nosso contra-agente J. Gatinho (que não é outro senão o apavoramento nosso frente o ensino pago).

Mas sosseguem! Darman tranquilos, mas com um dos olhos abertos.

-Bzzzz Bzzzz Bzzzz IH! IH! IH! Bzzzz Bzzzz Bzzzz
-Hein!... Ah! sim! também pode!

GAUCHO
GERSON
MIDORY

* C.D.F. = de ferro

C.D.A. = de Aço (mais maleável, mais dútil, mais resistente)

O REI DAS BATIDAS (MAS NÃO DESSAS AÍ)



NA ÁRVORE EM AV. WALDEMAR FERREIRA - 153

introdução à engenharia

Depois do almoço, você vê um cara carregando uma mochila e pergunta:

- Ehl! Aula de Des-Tec hoje, 3a. feira?

- Não! Vou para a aula de Introdução à Engenharia.

E lá vai um politécnico conformado, com uma cama de campanha, indo repousar no Anfiteatro Amarelo.

Não é mole, você pensa que vai ter uma visão do que é engenharia e tem sonhos de toda sorte.

As aulas de I. E. estão famosas, alunos de outras prédios e quem sabe de outras escolas lá estão. Virou um verdadeiro albergue.

A não ser nas aulas de conferência, onde a maioria dos alunos aparecem, as de teoria são fracas, falham em muitos pontos.

Principia pelo lugar onde são ministrados. Sendo grande, o anfiteatro amarelo dá uma impressão de grande distância entre aluno e professor, causa inibição, e os constantes exemplos dados dentro da Engenharia Civil, tornam-se enfadonha para aqueles que não a desejam (na escola, ou o cara gosta de engenharia Civil, ou a detesta, toma vagas desnecessárias, que poderiam ser úteis para ele no seu ramo).

Glória no trabalho do Prof. Osvaldo Fadigas Fontes Torres, o seu trabalho é meritório; mas cremos que somos obrigados a fazer uma crítica das coisas que vemos como alunos e que ele não pode ver como professor.

Há durante as aulas muito formalismo também, ou ele existe ou ele é psicológico (afinal estamos tendo aula com o diretor da escola).

Nossos colegas de anos anteriores lutaram por essas aulas, mas achamos que elas não estão como as desejavam. A infeliz consequência é então a execução de aulas (execução aqui significa enforcamento, fica mais bonito), ou então é a hora da SIESTA.

Paciência! Estamos aguardando uma melhoria, um dinamismo maior. Não podemos esperar muito (somos a 1ª turma, cobaias), talvez nossos colegas no 2º semestre tenham mais sorte. Se não tiverem, logo percebe - não pois tem um bedel que quando você está dando de pinote ele fala:

- Vou caçar tua presença!

Nossa intenção não foi de puxar o pino de segurança da granada, mas foi de atirá-la também.

GAUCHO

GERSON

MAPOFEI

Já é um tanto atrasado, mas na lembrança de todos (quem lembra as integrais, também lembra o assunto).

Usando uma palavra da moda, diríamos:

- E + muita cafonisse citar os resultados dos jogos. Portanto será relatado uma conversa perdida no meio do povo.

Numa bela noite de abril (precisa ser imponente pra impressionar), um jovem casal de namorados passeava perto da rua Nilo no Paraíso. Quando notaram uma certa aglomeração e muito curiosos foram averiguar o que estava acontecendo (coitados).

Gritos aqui, cantoria ali, a menina de pirulito na mão desmaia, o rapaz de blusão azul (que falta de imaginação, todos foram de blusão azul), exprime ou exprime seu pensamento e as meninas tapam os ouvidos, bagunça, confusão, etc...

NO ÚLTIMO DIA,
O NOSSO 'ATLETÁ'
BERTOLA-CHAPECÓ
CONSEGUIU FAZER
UMA CESTA
LINDÍSSIMA
(AO LADO)



A menina chega ingenuamente e pergunta:

- Estourou alguma revolução?

Aí chega o politécnico típico, com o livro de Cálculo na mão e diz:

- Apenas a Poli foi campeã da Mapofei.

No mesmo instante, sob o rufar dos tambores notase que o rapaz leva uma bela laranjada na ponta do nariz, e em côro se ouve:

- Apenassssssssss? Torrrrrre bicho!

Então a garotinha (íntima da família) muito acanhada pergunta:

- Mas, porque essa festa?

Aí chega o "cara" com 15 depês, estourando em faltas. Enfim, um típico torcedor da Poli e diz:

- Durante 8 anos esses ... (desculpa mas não tem asterístico na máquina) da Fei e da Mauá ganharam a taça, mas agora ela é nossa.

- São estórias que o povo conta.

Agradecemos a presença de ex-bichos e veteranos, pelo incentivo que deram durante os jogos. Nós agora a través de um beijo, retribuimos.

Nota: O beijo é só para as meninas.

Faça-se notar a presença das politécnicas que tanto abrilhantaram a nossa vitória

A todos os ex-bichos de 1971 a homenagem de departamento de imprensa.

Claudio Bertolla

